

RESUMO

O objetivo global dessa pesquisa foi contribuir com subsídios para o estudo sobre a qualidade de vida do jornalista diante das novas práticas político-econômicas e culturais, focalizando as problemáticas e sintomatologias de ordem psicológica na nova dinâmica da reestruturação produtiva. Nesse sentido, a investigação não considerou somente a incidência de problemáticas psíquicas; mas também relevou a realidade social, isto é, seus fatores internos e externos. Portanto, noções pertinentes às disciplinas da Psicologia que se interseccionam com a sociologia do trabalho fundamentaram a postura teórico-metodológica da pesquisa. O presente estudo teve como finalidade contribuir para a elucidação dessas relações, propiciando um aprofundamento na reflexão sobre a qualidade de vida desses profissionais que nos ajudam a formar, diariamente, a nossa opinião.

PALAVRAS-CHAVE

Trabalho; Qualidade de Vida; Stress; Jornalismo; Identidade.

ABSTRACT

The general objective of this investigation was to contribute for the study of the journalist's quality of life, in front of the new political – economical and cultural practices, focalizing the problems and psychological symptoms in the new dynamical of the productive reorganization. In this meaning, this investigation didn't consider only the incidence of psychological problems but also searched for putting in relief the social reality, that is to say, its internal and external factors. Therefore, pertinent notions concerning to Psychology which have a intersection with Sociology of Work founded the theoretical – methodological posture of this research. This present study aimed at contributing for the clarifying of these

relations, propitiating a deepening in the reflection about the quality of life of these professionals who daily help us to have opinions about so many facts.

KEY WORDS

Work; Quality of Life; Stress; Journalism; Identity.

AGRADECIMENTOS

À colaboração e apoio da Diretoria Acadêmica, do Núcleo de Pesquisas e Publicações (NPP) e da equipe da Divisão de Editoração e Gráfica da Fundação Getúlio Vargas de São Paulo (FGV/SP).

À solidariedade intelectual do Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), especialmente das docentes e amigas Alice Mitika Koshiyama e Maria Otilia Bocchini.

À auxiliar de pesquisa desse estudo, Rosângela Cassiolato, pela dedicação e seriedade acadêmica. Promete como pesquisadora.

Agradecemos também a todos os nossos entrevistados. Suas informações foram fundamentais para a realização desse trabalho.

SUMÁRIO

I.	Introdução	7
II.	Construindo o referencial teórico.....	9
	1. Conceito e deterioração da qualidade de vida	9
III.	Stress e trabalho	17
	1. As três fases do stress	19
IV.	Justificativa da pesquisa	20
	1. O trabalho jornalístico e a qualidade de vida	20
	2. Reestruturação produtiva e psicodinâmica do trabalho	21
	3. A questão da relevância	23
V.	Objeto.....	26
	1. Impactos na qualidade de vida dos jornalistas.....	26
	2. Objetivos da investigação	27
	3. Hipótese de pesquisa	27
VI.	O percurso metodológico.....	29
	1. Instrumentos	29
VII.	Discussão dos resultados	35
	1. Apresentação das tabelas, gráficos e algumas narrativas	35
VIII.	Considerações finais.....	77
IX.	Bibliografia – a nossa fundamentação.....	81

LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS

TABELAS

Tabela 1 – Caracterização da amostra.....	35
Tabela 2 – Gênero e idade média da amostra.....	37
Tabela 3 – Escolaridade e ano de formação da amostra.....	38
Tabela 4 – Instituição de formação da amostra.....	40
Tabela 5 – Porque não fizeram pós-graduação.....	42
Tabela 6 – Cargos exercidos anteriormente.....	45
Tabela 7 – Categorias ocupacionais segundo gênero.....	46
Tabela 8 – Outras atividades além da função.....	48
Tabela 9 – Descanso mensal.....	51
Tabela 10 – Conseqüências da jornada de trabalho na vida pessoal.....	52
Tabela 11 – Satisfação no trabalho.....	54
Tabela 12 – Tem mais de um emprego.....	57
Tabela 13 – Dificuldade no trabalho.....	58
Tabela 14 – Satisfação com salário.....	60
Tabela 15 – Dificuldade com a família.....	62
Tabela 16 – Tipo de diversão.....	64
Tabela 17 – Gostaria, mas não faz.....	67

Tabela 18 – Caracterização dos sujeitos quanto ao sucesso e fracasso nos quadrantes de qualidade de vida.....	67
---	----

GRÁFICOS

Gráfico 1 – Pós-graduação lato-sensu	41
Gráfico 2 – Tempo de profissão.....	43
Gráfico 3 – Trabalho interno e externo	47
Gráfico 4 – Jornada semanal de trabalho	49
Gráfico 5 – Quadrantes de sucesso e fracasso	68
Gráfico 6 – Fontes externas de stress.....	69
Gráfico 7 – Stress	70
Gráfico 8 – Predominância de sintomas	71
Gráfico 9 – Stress	75
Gráfico 10 – Predominância de sintomas	76
Gráfico 11 – Stress	77

MUDANÇAS NO MUNDO DO TRABALHO E IMPACTOS NA QUALIDADE DE VIDA DO JORNALISTA*

José Roberto Heloani

I. INTRODUÇÃO

Na atualidade, o mundo passa por grandes e rápidas mudanças. As organizações nacionais, pressionadas pelo processo de mundialização, substituem cada vez mais o homem pela máquina. Assim, novas tecnologias são implementadas nas empresas, obrigando o trabalhador a adaptar-se rapidamente a elas e impondo-lhe um novo perfil profissional.

Neste novo contexto econômico onde os salários sofrem cada vez mais reduções e a educação emerge como a principal ferramenta de atualização, o trabalho torna-se cada vez mais precário e seletivo. O Estado vem, por meio de uma ideologia neoliberal, retirar e diminuir benefícios e direitos do trabalhador, alterando a relação capital-trabalho; surgem, então, novas relações, como o contrato de trabalho por tempo determinado, que geram, desse modo, o subemprego e o trabalho informal, outra ameaça ao trabalhador, que antes tinha resguardados alguns direitos historicamente conquistados.

Outrossim, “gurus” e consultores organizacionais tentam conciliar e harmonizar com discursos de cooperação e de trabalho em equipe, dois sujeitos historicamente desiguais – capital e trabalho – perpetuando o paradoxo da necessidade de

* O NPP agradece à aluna que participou da pesquisa que originou o presente relatório como auxiliar de pesquisas, Rosângela Aparecida Cassiolato.

cooperação em equipe e a competição pela aquisição e manutenção de um posto de trabalho (HELOANI, 2000, p. 17-18).

David Harvey indica que mudanças abissais vêm ocorrendo nas práticas político-econômicas e culturais. Ao explicitá-las considera que, “quando confrontadas com as regras básicas de acumulação capitalista, mostram-se mais como transformações de aparência superficial, do que como sinais do surgimento de alguma sociedade pós-capitalista ou mesmo pós-industrial inteiramente nova” (HARVEY, 1992, p. 7).

Desse modo, ainda que fazendo usos reiterados do termo novo – tal como: “novo ciclo de compressão do tempo-espço na organização do capitalismo”, “novas condições do mercado de trabalho”; “formas industriais totalmente novas”, “uso de novas tecnologias produtivas e de novas formas organizacionais”; “nova aristocracia do trabalho” e “explosão de novos instrumentos e mercados financeiros” – o autor considera a relatividade da alusão ao termo *novo* frente às invariâncias dos processos capitalistas (HARVEY, 1992, *passim*).

De fato, uma das questões mais enfatizadas na era da globalização e do regime de acumulação flexível vai de encontro a um elemento invariante da lógica capitalista: o papel crucial da inovação organizacional e tecnológica. Ao lado desse elemento invariante, Harvey (1992, p. 166) considera outros dois: o capitalismo orientado para o crescimento e a exploração do trabalho vivo.

Ao abordar a questão da flexibilidade e da transição do período de acumulação rígida do fordismo-keynesiano para o período da acumulação flexível, o mesmo conclui que as referidas modificações radicais convivem com “*forças plasmadoras invariantes*”, afirmando que “*não há nada essencialmente novo no impulso para a flexibilidade*” (1992, p. 15 e p. 178).

Esse autor (1992, p. 145-150) salienta que o surgimento das novas tecnologias se dá em processos produtivos que incluem o retorno às estratégias de extração de mais-

valia absoluta por intermédio da retomada a sistemas de trabalho doméstico, familiar e paternalista. Ressalta que, sob a dependência de tais sistemas, colateralmente engendrados, instituições poderosas se fortalecem. Desse modo, a oposição entre a versão retumbante da velha história do capitalismo *versus* a nova configuração histórica merece ser visualizada não exatamente como uma dicotomia, mas como uma dialética de uma estrutura econômica e social marcada por antagonismos e contradições.

Assim, o que Harvey (1992, p.145-150) nos argumenta é que na transição por ele analisada se estabelece um *novo* bastante relativo, uma vez que este se coaduna com o ressurgimento da dominação paternalista e de “*formas antigas de processo de trabalho e de produção pequeno-capitalista*”.

Assim sendo, o *novo* não é exatamente novo, mas uma espécie de nova edição, que reedita elementos antigos travestidos em novas linguagens, tanto econômicas quanto produtivas e estéticas.

II. CONSTRUINDO O REFERENCIAL TEÓRICO

1. CONCEITO E DETERIORAÇÃO DA QUALIDADE DE VIDA

Contrariamente ao que foi preconizado no início dos anos de 1950/60 - de que a busca por QVT levaria à maior produtividade -, o movimento de QVT e a lógica da produtividade foram, paulatinamente, se dicotomizando em vetores díspares: enquanto o termo QVT aponta para a deterioração, a produtividade nas organizações nunca esteve tão alta (HELOANI e DACOSTA, 2002).

Como MOSCOVICI (1988) afirmou, há um imenso descompasso entre progresso tecnológico e progresso social, em termos de qualidade de vida, nas organizações modernas.

O objetivo desse estudo não foi o de definir a QVT, trabalho ao qual muitos autores já se dedicaram com afinco (WALTON, 1973; TRIST, 1981; NADLER e LAWLER, 1983; HUSE e CUMMINGS, 1985; WESTLEY, 1979; RODRIGUES, 1994; FERNANDES, 1996; VANCONCELLOS, 1997). Contudo, ao partirmos do pressuposto de que há um processo de deterioração da QVT, faz-se necessária uma alusão ao conceito de QVT que foi assumido nesse estudo.

Segundo seus princípios teóricos, muitos dos conceitos de QVT, compartilham elementos comuns, diferenciando-se apenas em termos de maior ou menor abrangência quanto aos elementos contemplados. Assim sendo, no âmbito desse trabalho, optamos pela conceituação proposta por WALTON (1973), baseada em oito categorias de QVT, já que sua abrangência nos permite também contemplar, indiretamente, pontos de vista de outros teóricos (HELOANI e DACOSTA, 2002).

Tendo como ponto de partida as oito categorias de QVT propostas por WALTON (remuneração justa e adequada, condições de trabalho, desenvolvimento de capacidades, oportunidade de crescimento, integração social, constitucionalismo, equilíbrio entre vida e trabalho e relevância social do trabalho na vida), investigamos como algumas destas categorias vêm sendo tratadas na prática das organizações e quais efeitos estão produzindo na QVT dos jornalistas. A reflexão que se segue é uma tentativa de sintetizarmos alguns dos indicativos mais notórios de deterioração da QVT frente a frente com algumas das categorias de QVT propostas por WALTON (1973).

Categoria de QVT segundo Walton : Remuneração justa e adequada

Estima-se que o número de trabalhadores americanos vítimas de *downsizings* entre 1980 a 1995 varie de um mínimo de 13 milhões para mais de 39 milhões (SENNETT, 1998, p. 49). O executivo que sobrevive aos cortes corporativos acaba valendo, muitas vezes, por um grupo inteiro: trabalha-se por mais horas, mas sem qualquer ajuste incremental no salário, relativo às horas trabalhadas.

Em um estudo nacional realizado pelo ISMA/Brasil (International Stress Management Association, Brasil) com cerca de 556 *white-collars* de dezessete empresas privadas e dez públicas, de vários estados brasileiros, cerca de 63% dos executivos atribuíram as causas de estresse ao enxugamento nas empresas e aos programas de demissão voluntária.

Em estudo nacional realizado pelo IPSP (Instituto Paulista de Stress, Psicossomática e Psiconeuroimunologia) com cerca de 1.500 executivos com nível universitário, 36% dos entrevistados afirmaram trabalhar acima de 11 horas por dia, sem qualquer compensação por horas extras.

Em pesquisa realizada pela American Management Association , “ter muito o que fazer e pouco tempo” apareceu no ranking mais alto de fatores que, segundo os executivos, geram mais intensamente frustração e estresse (FRASER, 2000).

A tecnologia (laptops, celulares, pagers, palm pilots etc.) acaba por permitir que os executivos levem o escritório para qualquer lugar, tornando-se alcançáveis a qualquer momento. Em pesquisa realizada pela Yankelovich Partners, afirma-se que 53% daqueles que possuem pagers já foram contatados durante as férias; 41% daqueles que possuem telefone celular tiveram que utilizá-lo para contatar seus escritórios durante as férias; 32% que possuem acesso à Internet tiveram que acessá-la durante as férias para checar seus e-mails; e, finalmente, 34% em algum momento checaram as secretárias eletrônicas de seus escritórios enquanto em férias

(FRASER,2000:78). A fronteira entre vida no trabalho e pessoal torna-se cada vez menos delineada.

FRASER (2000) cita um dado desconcertante que demonstra que, mesmo desconsiderando o número de horas-extras ou fora do escritório, os “*white-collars*” ainda assim, apesar de todo esforço adicional, viram sua média salarial por hora sofrer um incremento de ridículos seis centavos de dólares desde 1973 (HELOANI e DACOSTA, 2002).

Categoria de QVT segundo Walton : Ambiente de trabalho seguro e saudável e espaço total de vida

A realidade do ambiente de trabalho vivida pelos executivos está bem distante do ideal de segurança e salubridade visualizado por WALTON (1993).

Estima-se que 35 milhões de “*white-collars*” estejam confinados por mais de oito horas/dia em cubículos que, segundo artigo da Business Week , encolheram de 25 a 50% ao longo dos últimos dez anos.

Muito mais do que criarem o tão propagado espírito de colaboração e abertura, espaços reduzidos de trabalho são mecanismos de constante submissão, além de pouparem às empresas significativos custos de instalação.

A tecnologia garante às empresas um verdadeiro arsenal para se monitorar a produtividade e empenho de seus executivos. Empresas como Exxon, Mobil Corporation, Delta Air Lines, e Ernst & Young LLP utilizam um software chamado *Investigator* que, como o próprio nome sugere, pode ser instalado em qualquer computador para investigar o número de teclas que são pressionadas, número de “clicks” no mouse, e todos os demais comandos eletrônicos utilizados por cada funcionário durante o dia (FRASER, 2000, p. 87).

Setenta por cento dos executivos entrevistados pelo ISMA/Brasil responsabilizaram as novas tecnologias como principais causadoras de *stress*. O suposto bem-estar, apregoadado pelos entusiastas da tecnologia, não foi apenas substituído por cargas de trabalhos excessivas e invasão da vida pessoal dos executivos mas também por desconfortos físicos: olhos irritados, dores no pescoço e nas costas, e talvez o mais sério, lesões por esforços repetitivos (LER/DORT) (HELOANI e DACOSTA, 2002).

Categoria de QVT segundo Walton: crescimento, segurança e integração social

Torna-se difícil aceitar a idéia de carreira dentro do novo contexto organizacional se a própria questão de segurança no emprego vive constantemente abalada por sucessivos *downsizings*.

Atualmente, um jovem americano com um mínimo de dois anos de faculdade espera mudar de emprego ao menos onze vezes durante sua vida profissional, bem como mudar sua área de especialidade ao menos três vezes em 40 anos de trabalho (SENNETT, 1998, p.22).

Pelo fato de permitirem às organizações a possibilidade de constante redefinição, a atual organização do trabalho baseada em networks (ou redes de trabalho), que substituiu as estruturas hierárquicas piramidais, acaba por tornar os critérios de promoção, carreira e até mesmo demissão completamente obscuros, já que não existem nem regras nem tarefas fixas.

SENNETT (1998) ressalta os efeitos que a atual apologia à flexibilidade traz ao caráter das pessoas. Para o autor, a corrosão da idéia de “longo prazo” traz consigo o fim da confiança, da lealdade e do comprometimento mútuo. Nesse sentido, o discurso de “empregabilidade” torna-se conveniente para comunicar que as empresas não são mais responsáveis pela vida profissional de seus funcionários.

A dominação da atividade industrial pelo capital de risco teve conseqüências danosas tanto para a QVT dos executivos quanto para a própria maneira com que as empresas passaram a ser julgadas em termos de sucesso. O sucesso passa a ser determinado segundo indicadores financeiros focados no curto prazo: ROI (*return on investment*) e valor de ações no mercado (FRASER, 2000).

A mentalidade financista das organizações também corrobora para a deterioração da integração social nas organizações (ou senso de coletividade, segundo Walton). Ao voltarem suas estratégias para o curto prazo, as empresas concentram-se tão somente em corte de custos, muitas vezes baseados em *downsizings*. Esses últimos, por significarem demissões constantes, acabam por causar modificações contínuas das equipes de trabalho, destruindo o senso de coletividade e reduzindo cada trabalhador ao isolamento frente ao poderio das organizações (PAGÈS, 1987). Como SENNETT (1998) bem observou, o sentido implícito de *teamwork* é tão somente o de uma cooperação superficial. As pessoas não estão juntas por um ideal coletivo maior ou para ajudarem-se umas às outras, mas apenas para se pouparem de exposições solitárias frente aos demais (HELOANI e DACOSTA, 2002).

O rompimento de vínculos de relações fundamentais para a manutenção e fortalecimento da subjetividade humana atua de forma a desencadear o assédio moral, que tem sido compreendido, atualmente, como a exposição dos trabalhadores a situações humilhantes e constrangedoras, repetitivas e prolongadas, durante a jornada de trabalho. Consequentemente, as relações ficam mais desumanas e anti-éticas e nelas predominam os desmandos, a manipulação do medo, a competitividade desenfreada e os programas de Qualidade Total associados à produtividade e dissociados da QVT. Quando a ênfase na produtividade leva à exclusão do sujeito, as seguintes situações podem ocorrer:

-Introjeção, reprodução, reatualização e disseminação das práticas agressivas nas relações entre os pares, o que gera indiferença ao sofrimento do outro e naturalização dos desmandos administrativos.

-Pouca disposição psíquica para enfrentar as agressões na organização do trabalho e interagir em equipe.

-Fragmentação dos laços afetivos entre os pares, aumento do individualismo e instauração do pacto do silêncio no coletivo.

-Comprometimento da saúde física e mental, o que pode acabar em suicídio.

-Sensação de inutilidade, acompanhada de uma progressiva deterioração identitária.

-Falta de prazer no trabalho, demissão forçada e sensação de esvaziamento.

Em suma, a realidade corporativa quanto à QVT demonstra estar muito aquém do modelo teórico proposto por Walton, por meio de suas oito categorias de QVT. Os fatos apontados acima justificam o pressuposto de deterioração da QVT e nos motivam a investigar de que maneira os jornalistas estão reagindo à tal realidade.

Principais Conceituações de QVT

Autor	Principais fatores para se alcançar QVT
WESTLEY (1979)	Remuneração adequada Políticas justas e claras Desenvolvimento de capacidades Enriquecimento do cargo Participação (não alienação)
HUSE & CUMMINGS (1985)	Bem-estar do trabalhador Eficácia organizacional Participação
NADLER & LAWLER (1983)	Participação
RODRIGUES (1994)	Enriquecimento das tarefas/cargos Motivação e satisfação
FERNANDES (1996)	Participação Enriquecimento das tarefas Bem-estar no trabalho
VASCONCELLOS (1997)	Atenção às pessoas Condições de trabalho Sistemas de avaliação e recompensa Sistemas de coordenação e controle Ambiente interno
WALTON (1973)	Remuneração justa e adequada Condições de trabalho Desenvolvimento de capacidades Oportunidade de crescimento Integração social Constitucionalismo Equilíbrio entre vida e trabalho Relevância social do trabalho

Fonte: DACOSTA, Maria Carolina, (2001)

O excelente estudo realizado pela pesquisadora (DACOSTA, 2001) investigou executivos com MBA pela Harvard Business School, formados entre 1999 e 2000, com faixa etária girando em torno de 30 a 33 anos, experiência profissional de cerca de 8 a 10 anos e que ocupavam cargos de gerência média em organizações de vários

setores. Seu objetivo foi o de investigar se a posição privilegiada no mercado de trabalho estaria relacionada a melhores níveis de QVT. Ao contrário do que supunha a autora, a QVT era constantemente negociada por outros atributos como a remuneração.

III. STRESS E TRABALHO

Na década de 1940, Theodor Adorno e Max Horkheimer elaboraram e tentaram desenvolver o conceito de indústria cultural, fundamental para o campo da comunicação, e utilizaram-se de uma violenta crítica à reprodução indiscriminada da obra de arte, ou melhor, à massificação da comunicação. Enquanto esses dois integrantes da chamada Escola de Frankfurt tentam resgatar e estudar a essência do sentido da expressão artística, ou seja, a semiótica da estética, outro pensador, Hans Selye este mais voltado para as ciências naturais, tenta sistematizar uma série de observações que irão servir para a semiótica do corpo humano em situações específicas advindas do exterior. Daí nasce o conceito de stress.

Tal como Adorno havia observado, quanto mais a obra de arte se reproduz, se multiplica, mais se distancia da sua originalidade, da sua essência. O conceito de stress, na mesma década de 1940, também padecia do mesmo mal. Quanto mais se popularizava, mais se afastava de sua precisão conceitual e se vulgarizava. Na época, este conceito de stress, de termo obscuro e específico, oriundo da física – significando o desgaste sofrido pelos materiais expostos a algum tipo de pressão ou força – torna-se “tudo”; e, na esteira da mercantilização de nossa sociedade, que é algo igualmente abominado pelos frankfurtianos, servia e ainda se presta até para a venda de complexos vitamínicos. Expressões do tipo “no stress”; “já acordei estressado” ; “o amor também é estressante”; “o stress dá emoções” e até “gerenciamento por stress” não são incomuns.

Urge, portanto, que sejamos um pouco adornianos e que tentemos resgatar de forma bem sintética, mas correta, o seu sentido original.

Segundo o conceito clássico de Hans Selye (1965, p.64), “STRESS é o estado manifestado por um síndrome específico, constituído por todas as alterações não-específicas produzidas num sistema biológico.”

Já para Lipp e Malagris (1995, p.279) “estresse é definido como uma reação do organismo, com componentes físicos e/ou psicológicos, causada pelas alterações psicofisiológicas que ocorrem quando a pessoa se confronta com uma situação que, de um modo ou de outro, a irrite, amedronte, excite ou confunda, ou mesmo que a faça imensamente feliz”.

Assim sendo, no nosso entender, o stress pode ser definido como o esforço despendido por determinado organismo, diante de determinada demanda externa, seja essa solicitação excessiva ou moderada, boa ou ruim.

Os estressores externos são todos os eventos, bons ou maus, que ocorrem na vida da pessoa, no seu mundo externo, como morte, promoção, dificuldades financeiras, enfim, eventos que constam da lista da Escala de Reajustamento Social de Holmes e Rahe (1967). Os estressores internos pertencem ao mundo das cognições do indivíduo, seu modo de perceber o mundo, seu nível de assertividade, suas crenças, seus valores, suas características pessoais, seu padrão de comportamento, suas vulnerabilidades, sua ansiedade e seu esquema de reação à vida (Lipp e Malagris in Rangé, 1995, p. 280-281).

Em momentos de tensão existe uma quebra do equilíbrio interno, que ocorre devido à ação exacerbada do sistema nervoso simpático e à desaceleração do sistema nervoso parassimpático. Por isso, o conceito de homeostase torna-se fundamental para o entendimento do mecanismo do estresse, considerando-se que a principal

ação do stress é justamente a quebra do equilíbrio interno (Lipp e Malagris in Rangé, 1995 p.280).

1. AS TRÊS FASES DO STRESS

Fase de Alerta: A primeira fase do processo de stress é a de alerta e começa quando a pessoa se confronta inicialmente com um estressor. Uma reação de alerta se instala e o organismo se prepara para “fuga ou luta” com a conseqüente quebra da homeostase. Esta fase pode ser produtiva, desde que a pessoa saiba administrá-la. É bom lembrar que esse estado não será mantido por um longo período. Caso isso ocorra, a reação do organismo evolui para a fase seguinte, a de Resistência.

Fase de Resistência: Esta fase é a segunda do processo de stress e ocorre quando o estressor é de longa duração. O organismo tenta restabelecer o equilíbrio interno mediante ação reparadora. Toda a energia adaptativa é utilizada na tentativa de equilíbrio e, quando houver sucesso nesse intento, os sintomas iniciais desaparecem, o que gera a sensação de melhora. Quando a pessoa continua nesse estágio por muito tempo, o organismo torna-se mais vulnerável às doenças em geral e o stress avança para a última fase, isto é, a fase da Exaustão.

Fase de Exaustão: A Exaustão é a terceira fase de stress. Também é o estágio mais perigoso. Ocorre quando outros estressores surgem concomitantemente ou quando existir uma evolução do processo de stress. As doenças surgem com maior frequência nesta fase, tanto no âmbito físico quanto no psicológico. O enfraquecimento fisiológico é de tal ordem que patologias latentes se manifestam, comprometendo a saúde da pessoa, às vezes de forma irremediável.

Devido à grande debilidade do organismo e ao conseqüente baixo poder de reação, muitas vezes os sintomas voltam a assemelhar-se aos da primeira fase, o que pode camuflar perigosamente a criticidade da situação.

IV. JUSTIFICATIVA DA PESQUISA

1. O TRABALHO JORNALÍSTICO E A QUALIDADE DE VIDA

Considerando que o jornalismo se torna cada vez mais uma atividade “informatizada” e regulamentada, parece-nos importante estudar as conseqüências desse processo na presente conjuntura histórica.

Verificamos que faltam estudos sistemáticos acerca da atividade do jornalista como sendo propiciadora de stress e outras doenças ocupacionais. A experiência clínica nos leva a supor que o stress nesta área advém sobretudo do trabalho que faz do jornalismo uma profissão de risco e também de morte precoce.

Pesquisas da Organização Internacional do Trabalho (OIT), junto a sindicatos de jornalistas, demonstram uma tendência nada promissora para essa profissão: devido às doenças insidiosas e, portanto, de difícil diagnóstico precoce, parte significativa desses profissionais não alcança sequer a aposentadoria... Ademais, a partir da implantação de novas tecnologias nas redações nacionais, os usuários – jornalistas em sua maioria – se vêem cada vez mais diante dos “Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho” (DORT).

Tais perspectivas, portanto, consideram, respectivamente, a existência de uma relação negativa entre trabalho e saúde mental e entre modos de gestão e saúde em geral. Infelizmente, fatores como a natureza do trabalho e aspectos intrapsíquicos ou de personalidade ainda não são devidamente considerados por alguns pesquisadores na etiologia do stress.

Além das possibilidades de aprofundamento de tais problematizações teóricas que justificam, por si só, a investigação do referido objeto de pesquisa, há também que

se considerar que, como já dissemos, é restrita a literatura sobre o assunto tratado no tema em questão. Sendo assim, faz-se necessário, por sua importância, que se empreenda pesquisas nesse campo.

O presente estudo tem como finalidade contribuir, pois, para uma melhor elucidação dessas relações, cuja compreensão é fundamental para a reflexão sobre aqueles que ajudam a formar diariamente a nossa opinião.

2. REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA E PSICODINÂMICA DO TRABALHO

Diferentes saberes do campo científico, concernentes à temática do trabalho, vêm, paulatinamente, considerando a questão da identidade e da subjetividade.

Efetivamente, a temática da subjetividade, outrora objeto de estudo da Psicologia, é crescentemente abordada pela Sociologia do Trabalho. Nas descrições a respeito da reestruturação produtiva, por exemplo, verifica-se uma presença significativa da discussão da subjetividade.

Dialeticamente, observa-se um movimento inverso, no qual disciplinas oriundas da Psicologia se reformulam, ou mesmo se constituem, sob a influência do novo perfil assumido pela Sociologia do Trabalho.

A Psicanálise sai do seu gueto mais individualizante e dirige seu olhar não somente para o campo social e cultural, como já foi visto, mas também para os fenômenos grupais e organizacionais. Consolidam-se, de tal modo, saberes interdisciplinares, como é o caso da Psicanálise das Organizações.

Também se desenvolve com vigor, tangenciando tais abordagens mormente a partir da contribuição de Dejours, a Psicopatologia do Trabalho. Trata-se de uma

disciplina que reformula as visões mais clássicas da Psicologia do Trabalho, ou seja, aquelas influenciadas pelos saberes administrativo, médico e da engenharia da produção (DEJOURS, 2001, p. 11-26).

Christophe Dejours se esforça para compreender as relações de sofrimento e prazer existentes no mundo do trabalho e sua articulação com os mecanismos de defesa do Ego. Dentro do que ele intitula Psicodinâmica do Trabalho, o autor investiga a existência de mecanismos de defesa individuais e, especialmente, aqueles engendrados coletivamente. Assim sendo, nesta linha de raciocínio “*A identidade constitui a armadura da saúde mental. Não há crise psicopatológica que não esteja centrada numa crise de identidade*” (DEJOURS, 2000, p. 34).

Eugène Enriquez (1996, p.7-22) menciona a questão da subjetividade nos debates sobre o trabalho com prudência. Ele nos alerta para o fato de que a “*volta do sujeito,*” presente nas reflexões da Sociologia do Trabalho e de outras áreas, particularmente nas da Administração, correm o risco de produzir ideologias de gestão que reforcem fenômenos como o da alienação.

Destarte, a dita “*volta do sujeito*” no contexto do “*capitalismo estratégico*” associa-se a um engodo apresentado pelas organizações aos indivíduos. Tal engodo caracteriza-se por tomar a subjetividade como um recurso a mais a ser manipulado. Nas palavras do autor:

“*A participação concedida pode ser sempre retirada. Não passa de engodo apresentado pela organização, para que os indivíduos, crendo que sua subjetividade foi reconhecida, ponham a serviço do capitalismo seu potencial físico, intelectual e afetivo. Esta manipulação avançou*” (ENRIQUEZ in DAVEL e VASCONCELOS, 1996, p.15).

Tal vertente crítica da abordagem da subjetividade no trabalho, que é encabeçada por Enriquez, também se expressa nas considerações de Davel e

Vasconcelos (1996). Estes afirmam que a subjetividade só será efetivamente considerada, e não apenas reconhecida, quando efetivamente afastada da lógica instrumental e economicista que reduz o ser humano “*ao estado de engrenagem ou recurso*”. É o que não se pretende fazer no decorrer desta pesquisa.

“No domínio da psicologia do trabalho, o estudo clínico mostrou que, a par dos mecanismos de defesa classicamente descritos pela psicanálise, existem defesas construídas e empregadas pelos trabalhadores coletivamente. Trata-se de “estratégias coletivas de defesa” que são especificamente marcadas pelas pressões reais do trabalho” (DEJOURS, 2000, p. 35).

A despeito dessa construção coletiva de defesa, ela, via de regra, é marcada pela precariedade e pela fragilidade:

“Notadamente quando sobrevém uma nova onda de “reformas estruturais”. Cada nova onda desestabiliza a estratégia coletiva de defesa anteriormente utilizada e que ajustava especificamente às condições precedentes. Só resta então o recurso, em última instância e em desespero de causa, à estratégia individual dos antolhos¹ (...)” (p. 123)

3. A QUESTÃO DA RELEVÂNCIA

Dissabores de ordem psicológica podem ter vários elementos geradores e uma intensidade e complexidade variável. Aspectos do desenvolvimento, modelos familiares, educação, sociabilidade, vida profissional, relações conjugais, situação financeira, fantasias, desejos, conflitos, entre outros elementos, concorrem na determinação de situações mais ou menos comprometedoras em relação ao

¹ Segundo o autor, trata-se de uma estratégia individual de defesa freqüentemente utilizada e que consiste em pôr “antolhos voluntários”, ou “bancar o avestruz”, como técnica de se conseguir comprar a própria inocência. Via de regra, essa negociação da realidade é dissimulada sob a máscara da ignorância. (p. 120)

equilíbrio psíquico. Tal concorrência de fatores sociais e individuais no engendramento dos processos de adoecimento conduzem, por vezes, a uma visualização equivocada a respeito da etiologia dos mesmos. Ora se valoriza demasiadamente a realidade psíquica em detrimento da realidade social, ora se realiza o inverso.

As valorizações equivocadas das realidades psíquica ou social em relação à etiologia de problemáticas psicológicas são fruto e sintoma de uma total dificuldade do conhecimento em elaborar uma síntese entre o que se convencionou denominar indivíduo e sociedade. Conforme argumenta Elias, estabelece-se um abismo intransponível entre elementos que são inerentemente indissociáveis (ELIAS, 1994). Levando-se ao extremo as considerações de Elias, seria de certo modo inadequado nos referirmos às problemáticas psicológicas pura e simplesmente. Não obstante, sintomatologias e problemáticas psíquicas, ainda que articulem o social e o individual expressam-se, não somente nas realidades coletivas mais amplas, como a dos grupos profissionais e classes sociais, mas também nos indivíduos, mesmo quando se possa considerar que a causalidade preponderante de um sintoma, convencionalmente considerado como psíquico, seja o da realidade social. Assim, é tendo como pano de fundo a ressalva de Elias que estaremos aqui fazendo referências às ditas “problemáticas psicológicas”.

A supervalorização do aspecto individual e da realidade psíquica não deve ser debitada à psicanálise, a despeito desta ter praticamente criado e difundido a noção de realidade psíquica. Freud, como demonstra Mezan, foi um pensador da cultura e da realidade que, tal como demonstra Coelho, sempre foi algo considerado não somente por Freud, mas por todos aqueles que, em sua prática clínica, preocuparam-se e preocupam-se em realizar uma análise e compreensão mais aprofundada dos fenômenos e conflitos singulares percebidos nos indivíduos (COELHO, 1995); (MEZAN, 1985). Segundo Laplanche, a questão da realidade objetiva retorna ao longo da obra de Freud, mesmo quando, em nome do abandono da teoria do trauma,

e em prol da conceitualização de fantasia, o mesmo tendeu a recusá-la (LAPLANCHE, 1988).

Para Freud a pulsão, conceito este intimamente relacionado ao desejo e à fantasia, possui um lastro no biológico (FREUD, 1974). Ou seja, o psiquismo possui uma relação direta não somente com a realidade social, mas também com a realidade biológica e corporal. Estas continuidades entre indivíduo e sociedade, corpo e mente, nem sempre visualizadas, possivelmente por influências do cartesianismo e dos modos de pensar refratários à síntese, necessitam ser melhor investigadas e demonstradas. A psicanálise pode contribuir para um avanço no conhecimento em tal direção e, assim, multiplicar seus campos de aplicação, ao invés de ser colocada, inadvertidamente, no escaninho do psicologismo (BIRMAN, 2000).

Os debates concernentes aos problemas psicológicos relacionados à gestão do trabalho e de funções ou atividades profissionais ganham cada vez maior relevância nas áreas de Sociologia e de Psicologia do Trabalho.

Quase sempre, a área de Sociologia tende a enfatizar a causalidade externa das condições e natureza do trabalho quando aborda as problemáticas psicológicas. Os sintomas tendem a ser interpretados como fruto de situações sociais opressivas ou manipuladoras. Em tal perspectiva, poupa-se o indivíduo e culpabiliza-se o social, a gestão do trabalho etc. O conflito psíquico é visto como mero resíduo do conflito social (GARCIA, 1996, p. 159-176). A Psicologia, por sua vez, por vezes realiza uma psiquiatrização da problemática social, interpretando, não raramente, conflitos sociais como simples produtos de um intrincado jogo de forças intrapsíquico, mais relacionado à estrutura de personalidade do que à situação objetiva (CASTEL, 1990, passim). A realidade social ou do trabalho é apontada como elemento co-adjuvante, ou melhor, como fator desencadeante de uma problemática psicológica potencialmente presente na estrutura de personalidade. Nesse sentido, aquela só faria aflorar um conflito já existente. Tais dicotomias porém, como já foi apontado acima, devem ser superadas, para que se possa dar cabo da construção de estudos e

pesquisas mais complexos e aprofundados na área de Saúde Mental, Trabalho e Qualidade de Vida.

V. OBJETO

1. IMPACTOS NA QUALIDADE DE VIDA DOS JORNALISTAS

O presente trabalho teve por escopo estudar como a qualidade de vida do trabalhador-jornalista se configura, diante das mudanças que têm ocorrido no mundo contemporâneo, enfatizando a compreensão das problemáticas e sintomatologias de ordem psicológica.

A compreensão dos aspectos da dinâmica psíquica levou em conta possíveis nexos e influências entre estrutura de personalidade, gestão e natureza profissional, ou ainda, entre saúde mental, organização do trabalho e atitude profissional. Foi pesquisada a relevância ou não do grau de incidência de *stress*, assim como sua caracterização sintomatológica e etiológica. Assim sendo, os objetivos da pesquisa acima descritos possibilitaram a construção de um estudo aprofundado sobre os aspectos psicopatológicos relacionados ao exercício do trabalho, no referido grupo profissional.

Conquanto seja possível nomear, de forma didática, as problemáticas pesquisadas como psicológicas, psicopatológicas ou psicossomáticas, considera-se que as mesmas possuem particularidades que transcendem aos aspectos convencionalmente tidos como subjetivos, uma vez que englobam aspectos objetivos, quer sejam mais amplos ou grupais – como a realidade sócio-profissional, a escolaridade, a qualificação e a gestão do trabalho – quer sejam mais individualizados, como a realidade corporal.

Apesar da importância dos aspectos objetivos na constituição das referidas problemáticas, os elementos convencionalmente tidos como subjetivos – como a fantasia, a estrutura de personalidade e a realidade psíquica – foram igualmente considerados, de modo a configurar uma compreensão mais afinada às suas multicausalidades etiológicas. Nesse sentido, buscou-se precisar não somente a incidência de problemáticas psíquicas em um determinado grupo profissional, mas compreendê-las em sua complexidade, levando em conta, concomitantemente, noções como realidade social e psíquica, estrutura social e de personalidade, ou ainda, fatores desencadeadores internos e externos. Ou seja, noções pertinentes às disciplinas da Psicologia que se interseccionam com a Sociologia do Trabalho, a saber: Psicanálise das Organizações e Psicopatologia do Trabalho. Vale porém ressaltar que também foram consideradas, na análise e pesquisa dos aspectos psicossomáticos da saúde dos trabalhadores, as contribuições da Psicologia que se relacionam mais diretamente aos conhecimentos médicos, tal como as da Psicologia da Saúde e dos estudos especializados sobre *stress* e demais doenças ocupacionais.

2. OBJETIVOS DA INVESTIGAÇÃO

Almejamos com o presente trabalho ampliar o conhecimento sobre a vida dos jornalistas na atual conjuntura de reestruturação produtiva, buscando evidenciar os possíveis nexos e influências entre estrutura de personalidade, gestão, organização do trabalho e identidade desses profissionais. Outrossim, procuramos associar a percepção da complexidade e dos riscos que afligem o jornalista em sua atuação laboral.

3. HIPÓTESE DE PESQUISA

A saúde dos jornalistas relaciona-se à multicausalidade etiológica que não se restringe à estrutura do trabalho. Os processos de adoecimento conduzem, por

vezes, a uma visualização equivocada a respeito da origem dos mesmos. Ora se valoriza demasiadamente a realidade psíquica em detrimento da realidade social, ora se realiza o inverso. As questões abaixo ajudam na articulação de uma possível resposta a esta investigação:

- haveria na conjunção das características psíquicas, natureza e gestão do trabalho significativos processos de *stress*?
- quais seriam, na visão dos jornalistas, os principais elementos potencialmente estressores presentes no cotidiano do trabalho?
- quais seriam os principais componentes sintomatológicos e etiológicos dos hipotetizados processos do *stress*?
- a natureza do trabalho e a gestão do mesmo poderiam ser consideradas como indutoras de problemáticas psicopatológicas?
- os problemas psicológicos mais ou menos evidentes poderiam ser relacionados à estrutura do trabalho, conforme alegam estudos sobre a identidade de trabalhadores, ou seriam mais relacionados à personalidade?
- seria possível elaborar uma tipologia da personalidade de jornalistas?
- é possível identificar defesas de caráter coletivo frente a possíveis adversidades provindas do exercício profissional?
- é possível identificar distinções das defesas e dos sintomas dos indivíduos em relação às defesas e sintomas coletivos possivelmente detectados?

- como se caracterizam individualmente os processos de adoecimento e de filtragem da realidade social e da organização do trabalho, a despeito de suas confluências coletivas ou genéricas?

VI. O PERCURSO METODOLÓGICO

Foram elaborados questionários objetivos, visando pesquisar a existência ou não de *stress*, a fase do mesmo (alerta, resistência ou exaustão), sua caracterização sintomatológica e etiológica predominante, assim como os possíveis desequilíbrios psicológicos e/ou físicos que geralmente o acompanham. Vale também dizer que tanto o *stress* como os distúrbios psíquicos mais ou menos graves foram considerados em sua maior ou menor relação com o exercício do trabalho profissional, quer seja em termos da natureza propriamente dita do mesmo, quer seja em função da “natureza” da gestão e da organização do trabalho, que imprime ao stress características adicionais. Fatores estressores psicossociais importantes e não limitados ao trabalho também foram considerados, tal como aqueles relativos aos reajustamentos da vida social, familiar, escolar, financeira etc.

1. INSTRUMENTOS

Foi elaborado um questionário, composto de questões referentes a informações pessoais, profissionais e dados relativos à vida familiar. Trata-se de um questionário que contém perguntas abertas e fechadas, de múltipla escolha. As perguntas tiveram por objetivo obter dados das pessoas, local, carga horária, tipo de trabalho que desenvolvem etc.

Foi elaborado um roteiro de entrevista com três questões sob forma de relato oral no qual o sujeito pode falar livremente sobre a sua formação profissional, trabalho e família.

“(...) o relato oral se apresentava como técnica útil para registrar o que ainda não se cristalizara em documentação escrita, o não- conservado, o que desapareceria se não fosse anotado; servia, pois, para captar o não-explicito, quem sabe mesmo o indizível” (QUEIROZ,1987 p.272).

O referido instrumento contém vinte e três questões flexíveis relativas às percepções do sujeito sobre ele mesmo quanto à função exercida, cotidiano, jornada de trabalho, afetividade, medos, insatisfações, relacionamentos e *stress* no exercício da profissão.

“A história de vida, por sua vez, se define como o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando reconstituir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu. Narrativa linear e individual dos acontecimentos que ele considera significativos, através dela se delineiam as relações com os membros de seu grupo, de sua profissão, de sua camada social, de sua sociedade global, que cabe ao pesquisador desvendar. Desta forma, o interesse deste último está em captar algo que ultrapassa o caráter individual do que é transmitido e que se insere nas coletividades a que o narrador pertence” (p.275).

Os depoimentos foram gravados em fitas microcassette (gravador Olympus S921).

“O gravador parece à primeira vista um instrumento técnico próprio para anular, ou pelo menos para diminuir o possível desvio trazido pela intermediação do pesquisador. Logo se viu, no entanto, que o poder da máquina não era absoluto (...) exigia, em seguida, a transcrição escrita.” (p.273).

O tempo de duração de cada entrevista variou de uma hora e meia a três horas. As vinte e duas entrevistas foram realizadas no período de setembro a novembro de 2002.

Foi utilizado o Inventário de Sintomas de Stress para adultos de LIPP (ISSL, 2000), que teve por objetivo avaliar se os sujeitos tinham ou não *stress*, o tipo de sintoma (somático ou psicológico) e em que fase encontravam-se. O modelo quadrifásico de *stress* foi baseado no modelo trifásico de SELYE (1984) com relação aos efeitos dessa síndrome, que pode manifestar-se tanto na área somática como na cognitiva. Na primeira fase, a de alerta, o organismo prepara-se para a reação de “luta ou fuga”, que é necessária à preservação da vida. Se o *stress* continuar por muito tempo, inicia-se a fase de resistência, quando o organismo tenta adaptar-se. Nessa fase, as reações são opostas àquelas que surgem na primeira fase, na qual muitos sintomas iniciais desaparecem e surge uma sensação de desgaste e cansaço. Se esta sensação permanecer continuamente e o indivíduo não buscar estratégias para lidar com essa síndrome, o organismo se exaure, iniciando a fase de exaustão e surgindo, então, doenças mais sérias. A nova fase, quase-exaustão, encontra-se entre a fase de resistência e exaustão. Essa fase caracteriza-se por um enfraquecimento do indivíduo que não consegue adaptar-se ou resistir ao estressor.

O inventário é composto de três quadros referentes às quatro fases do stress. O quadro 2 é utilizado para avaliar as fases 2 e 3 (resistência e quase-exaustão). Os sintomas listados são os típicos de cada fase. O quadro 1 abarca 12 sintomas físicos e três psicológicos; o indivíduo assinala com F1 ou P1 os sintomas físicos ou psicológicos que tenha experimentado nas últimas 24 horas. No quadro 2 situam-se dez sintomas físicos e cinco psicológicos; assinala-se F2 ou P2 para os sintomas experimentados na última semana. Já o quadro 3 compõem-se de 12 sintomas físicos e 11 psicológicos; indicam-se com F3 ou P3 os sintomas experimentados no último mês.

Correção e Avaliação – Para os escores brutos, somam-se por partes as respostas P e F separadamente. Se no quadro 1 a soma de P+F for maior que 6, o sujeito apresenta *stress*. Se no quadro 2, P+F for superior a 3, o sujeito também apresenta a síndrome. No quadro 3, P+F superior a 8 indica a presença de *stress*. A porcentagem mais elevada indicará a fase do stress em que o indivíduo se encontra. Na predominância

da sintomatologia, se física ou psicológica, prevalece a porcentagem maior correspondente.

Foi utilizado o Inventário de Qualidade de Vida – IQV (LIPP e ROCHA, 1996). Este instrumento é apresentado em quatro aspectos, chamados de “quadrantes de vida”, que constituem as áreas social, afetiva, profissional e o que se refere à saúde. O inventário avalia a qualidade de vida, indicando se o sujeito tem sucesso ou não em cada quadrante. O inventário contou com 45 perguntas fechadas que deveriam ser respondidas com sim ou não, conforme o pesquisado encontrava-se no momento e de acordo com o descrito na pergunta. Faz-se mister uma ressalva: consideramos no total de cada quadrante o seguinte critério: quando da ocorrência de um resultado 9,8,5 e 11, consideramos esses indicadores iguais ou maiores em relação ao total de pontos.

O instrumento tem por objetivo verificar a presença de fontes externas de stress, acontecimentos bons ou maus ocorridos na vida do sujeito. A escala é composta por 43 questões, concernentes às mudanças pelas quais o indivíduo passa em sua vida e que exigem nova adaptação do organismo. A cada mudança citada na escala é atribuído um índice correspondente ao fato ocorrido. Para averiguar quanto de energia será utilizada, soma-se o total correspondente aos pontos de todos os itens assinalados. Foi utilizada a Escala de Reajustamento Social, HOLMES e RAHE 1967, traduzida por LIPP (1990). A soma de mais de 300 pontos indica uma quantidade excessiva de energia adaptativa. A soma entre 299 e 151 indica uma energia moderada. A somatória inferior a 151 representa uma baixa probabilidade de adoecimento.

A utilização da entrevista em uma determinada pesquisa não exige necessariamente uma determinação amostral para que se definam os sujeitos a serem entrevistados (THIOLLENT, 2002, p.62-63). Para esse autor, com o qual concordamos,

“Na prática da pesquisa social, a representatividade dos grupos investigados se dá por critérios quantitativos (amostragem estatisticamente controlada) e por critérios qualitativos (interpretativa ou argumentativamente controlados). Mesmo em pesquisa convencional, ao planejarem amostras de pessoas a serem entrevistadas com alguma profundidade, os pesquisadores costumam recorrer às chamadas ‘amostras intencionais’. Trata-se de um pequeno número de pessoas que são escolhidas intencionalmente em função da relevância que elas apresentam em relação a um determinado assunto(...) O critério de representatividade dos grupos investigados não é necessariamente quantitativo. É importante, dentro de certos ‘parâmetros’ quantitativos, levar em conta a representatividade sócio-política de grupos ou de opiniões que são minoritários em termos numéricos, mas expressivos de uma situação em termos ideológicos e políticos. A representatividade expressiva pressupõe critérios de avaliação política no seio da conjuntura. A importância social dos grupos ‘mais avançados’ é maior do que seu peso numérico no conjunto da população. As idéias de uma minoria podem se tornar expressivamente mais relevantes do que a aparente ‘ausência’ de idéias, ou opiniões, da maioria. Seu peso significativo não se limita a uma questão de frequência observacional (...) a representatividade expressiva (ou qualitativa) é dada por uma avaliação da relevância política dos grupos e das idéias que veiculam dentro de uma certa conjuntura ou movimento.”

O presente trabalho contou com a colaboração de 44 jornalistas das mais diversas áreas. Desse total, entrevistamos em profundidade 22 jornalistas, sendo 13 do sexo masculino e 9 do sexo feminino. Os outros 22 jornalistas profissionais, 15 do sexo feminino e 7 do sexo masculino, foram submetidos à avaliação do nível de stress com o mesmo instrumento utilizado no outro grupo. O critério de busca desses sujeitos foi, no início, por intermédio de pessoas ligadas à área de jornalismo e, após, deu-se de forma aleatória. Posteriormente, entramos em contato telefônico para expor nossas intenções metodológicas e solicitar permissão para as entrevistas. Com o intuito de assegurar o sigilo dos depoentes, optamos por não mencioná-los nominalmente.

Assim, a coleta dos depoimentos foi conduzida em duas situações distintas: no local de trabalho e em suas residências, a critério do entrevistado. As entrevistas foram realizadas com profissionais da mídia impressa, rádio e TV. Tal opção, no nosso entender, não compromete o rigor metodológico, considerando que o que nos importa não é uma homogeneização da coleta dos depoimentos, e sim a qualidade das narrativas obtidas.

Depois da aplicação dos questionários, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas e, posteriormente, foram organizadas discussões grupais sobre seu conteúdo, com ênfase sobretudo nos aspectos psicológicos envolvidos no trabalho (tensão, atenção, frustração, satisfação, idealização, sofrimento, conflito, medo etc).

Resumidamente, a metodologia envolveu variadas formas de obtenção de dados quantitativos e qualitativos, em situações grupais e individuais, ou ainda, verbais (entrevistas e dinâmicas) ou escritas (questionários e inventários). Esse procedimento metodológico misto propiciou uma análise que contemplou, da forma mais abrangente possível, tanto os dados gerais e generalizáveis, como também, como foi dito, aqueles mais individuais e irreduzíveis a uma caracterização coletiva única.

VII. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

1. APRESENTAÇÃO DAS TABELAS, GRÁFICOS E ALGUMAS NARRATIVAS

Tabela 1

Caracterização da Amostra

Gênero	Estado Civil	Amostra	Nº de filhos
Mulheres	Solteiras	7	2
	Casadas	2	
Subtotal		9	
Homens	Solteiros	6	1
	Casados	6	6
	Desquitado	1	1
Subtotal		13	
Total		22	10

Para a seleção da amostra, considerou-se o universo de jornalistas da cidade de São Paulo, escolhidos aleatoriamente. A constituição da amostra assim se apresentou:

A amostra contou com 22 jornalistas, sendo 13 homens e 9 mulheres. Quanto ao estado civil há predominância de solteiros. O número de filhos está abaixo de dois por sujeito, sendo que apenas dois sujeitos possuem dois filhos. Todos os sujeitos sem exceção reclamam da falta de tempo para seus familiares, sendo que a maioria se queixa da dificuldade de constituir uma família. De acordo com o narrador, o trabalho influencia diretamente na família, como podemos observar, pelos depoimentos que se seguem:

“O meu trabalho é que determina quanto tempo eu vou ter para a minha filha, pras outras coisas da vida (...) mas eu não tenho tempo pra namorar.” (Sujeito 2)

“É o meu terceiro casamento. O primeiro casamento, como eu falei, foi besteira; o segundo eu fui deixado e isto me fez muito mal. É. Agora eu sinto um medo muito grande de acontecer alguma coisa, no meu casamento, por causa dessa situação, e isto me deixa muito mal (...) Dormimos na mesma cama e não dá para conversar. Eu converso com ela, por telefone, e, ainda, muito rápido.” (Sujeito 6)

Também podemos observar na narrativa abaixo momentos lembrados que caracterizam “a vida de casado”: *“A gente dorme na mesma cama, mas só se fala por telefone e isto é muito chato (...)” (sujeito 11)*

Outro pesquisado solteiro não se vê habilitado, ou melhor, sem tempo até para namorar. *“Eu não tenho tempo até para namorar(...) causado pela dedicação que o jornalismo exige.” (Sujeito 12)*

Mais uma vez observamos no relato de uma participante solteira - mora com os pais- que a presença física, morar sob o mesmo teto, não garante efetiva convivência e comunicação.

“Quando eu chego, geralmente, ela (mãe) já tá dormindo e ela sai cedo e eu depois. Apesar de nós morarmos juntas a gente se vê muito pouco. Então, às vezes, ficamos a semana inteira sem se falar direito.” (Sujeito 22)

“Por causa dessa obrigatoriedade de horário eu não consegui equilibrar de forma que seja satisfatória para mim, a minha vida pessoal e a minha vida familiar (...) Gostaria de ficar mais tempo com a minha filha e não fico, não gosto de deixar ela sozinha, mas tenho que deixar.” (Sujeito 1)

“Eu tive que ajeitar uma pessoa que ficasse com f., porque eu saía do jornal mais tarde e não dava o horário da creche (...) eu ia trabalhar de graça (...)” (sujeito 2)

Tabela 2

Gênero e Idade Média da Amostra

Gênero	Idade Média	Distribuição por Idade				Total
		20 a 29 anos	30 a 39 anos	40 a 49 anos	50 a 60 anos	
M e H	35.22 anos					
Mulheres	29.44 anos	4	5	-	-	9
Homens	39.23 anos	2	7	2	2	13
Total		6	12	2	2	22

A idade média dos participantes é de 35,22 anos, sendo que 18 dos 22 sujeitos estão na faixa etária de 20 a 39 anos.

Constatamos na narrativa a seguir o vínculo existente entre pouca idade e pequenos salários nos dias atuais. A lei da oferta e da procura continua vigente.

“(...) na redação, o cara chegava lá com uma lista de 10 pessoas sendo demitidas numa fornada só, aí botava 15 estagiários de graça. Desses 15, não sobrava nenhum, porque os caras tavam encantados com a profissão (...) “Nós sofremos uma concorrência desleal de quem quer trabalhar de graça. Isso tá cheio.” (Sujeito 10)

Tabela 3**Escolaridade e Ano de Formação da Amostra**

Escolaridade	Total	Ano de	Formação		Total
		1972 a 1977	1985 a 1989	1990 a 2001	
2º Grau Completo	1				
Superior Incompleto	2				
Superior Completo	19				
não responderam (3)		3	5	11	22
Total	22				22

Nas tabelas 3 e 4, observamos a distribuição dos depoentes no que concerne à escolaridade e à instituição de formação. Chama a atenção o fato de alguns pesquisados relativizarem a eficácia da formação superior que tiveram no que se relaciona ao seu cotidiano de trabalho. Destacamos também que seis depoentes desejaram ou intencionam cursar direito, por julgar que tal conhecimento constituiu-se peça essencial para melhor compreensão de questões jurídicas e defesas de pessoas.

“Acho fascinante direito, acho muito bacana você poder saber das leis, dos seus direitos. Saber o que pode e o que você não pode. Poder defender uma pessoa e argumentar com uma base legal (...) Acho que todo mundo deveria fazer direito pra todo mundo ter noção. É uma questão de cidadania (...) Nunca fui processada, mas já testemunhei em processos de colegas.” (Sujeito 1)

“A maioria dos jornalistas sofre processos.” (Sujeito 12)

“A minha formação de jornalista foi uma negação. O conteúdo programático, a questão da prática de estudo foi terrível. O que eu aprendi em jornalismo foi na prática, trabalhando (...) A faculdade de jornalismo em si me ensinou muito pouco (...) O jornalista precisa ter um conhecimento geral porque a faculdade não te dá (...) Em jornalismo não se exige muito título, ou você é bom naquilo que você faz ou não (...) Eu acho que a formação do jornalista é muito mais no dia-a-dia, no campo, na diversidade, na curiosidade, na vontade de procurar as coisas, do que sentar em um banco de faculdade (...)” (Sujeito 20).

Como se vê, no que concerne à formação e à obrigatoriedade do diploma de jornalista, embora a discussão seja relativamente antiga, estamos longe de chegar a um consenso.

“A Valorização que nós tivemos (...) no início dos anos 70, ela não existe mais. E o que é pior, ela não existe nem no jornal (...) Tanto que eles conseguiram acabar com a obrigatoriedade do diploma. Hoje, qualquer um é jornalista, qualquer um trabalha em jornal(...) Nossa profissão foi muito depreciada (...) especificamente, jornalista de revista tem um valor, jornalista de jornal tem outro e jornalista de rádio não vale nada (...)” (Sujeito 10)

“Eu acho que a gente não aprende muita coisa na faculdade. Eu acho que o curso de jornalismo é deficiente (...) As faculdades, principalmente as particulares, estão muito mais preocupadas em ganhar dinheiro do que em realmente formar profissionais (...) É próprio do sistema que quer quantidade e não qualidade (...) Na ECA, eu sinto diferença sim (...) eles valorizavam muito mais o conteúdo e as salas eram pequenas, tinham poucos professores e poucos alunos. Isto na ECA (...) Apesar da USP estar deficiente, perdendo dinheiro, capenga, ainda é a melhor (...) Os professores ainda estão preocupados com a formação da gente e não simplesmente com o mercado (...)” (Sujeito 7)

“É uma frustração para um jornalista ver as redações desse jeito (...) Você vai lá e faz um teste com eles e eles não sabem escrever. Não sabem botar uma vírgula. Não sabem botar um acento (...)” (Sujeito 2)

Tabela 4**Instituição de Formação da Amostra**

Instituição de Formação	Total
Universidade Metodista	6
Fac. Int. Al. Machado (FIAM)	3
Universidade de São Paulo (USP)	3
Universidade Brás Cubas	2
Fac. Casper Líbero	2
Universidade do Estado de São Paulo (UNESP)	2
Outros: Univ. São Judas Tadeu/ Inst. Toledo de Ensino (Bauru)/ Univ. Paulista/ Colégio Comercial Senador Fláquer	4
Total	22

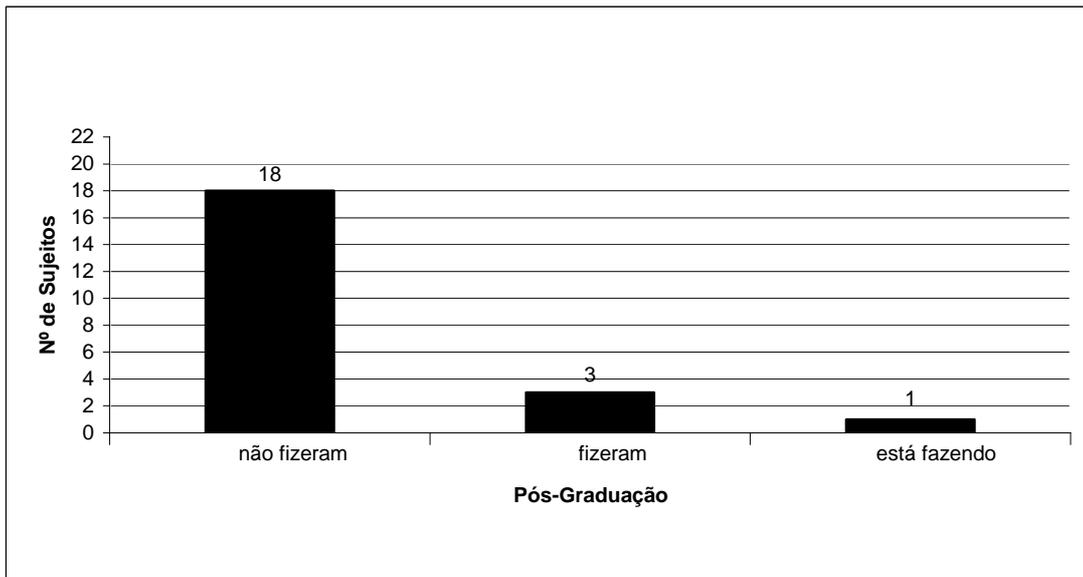
Gráfico 1**Pós-Graduação Lato-Sensu**

Tabela 5**Porque não Fizeram Pós-Graduação**

Porque não fizeram Pós-Graduação	
Não justificou	6
Não teve interesse	4
Falta tempo	2
Falta tempo e dinheiro	2
Abandonou o curso	1
Vai fazer outra faculdade	1
Não fez faculdade	1
Planeja fazer	1
Total	18

Dos sujeitos pesquisados três fizeram pós-graduação lato-sensu e um está fazendo. Em vários depoimentos observa-se a falta de tempo, a falta de dinheiro e a incerteza do futuro, tal como pode ser constatado nas narrativas a seguir:

“Fico pensando, por que eu não estudei (...) Hoje eu vejo que o meu tempo é tão curto e que algumas coisas ficaram lá pra trás (...) eu quero fazer uma pós (...) Quero ir para estudar nos Estados Unidos (...) eu não sei o que vai acontecer, quando eu estiver lá, se eu tiver oportunidade de ir (...) morar fora do país, por um certo tempo.” (Sujeito 3)

“Acho que te impede de estudar sim, mesmo quando você tem tempo, você não tem um horário (...)” (Sujeito 15)

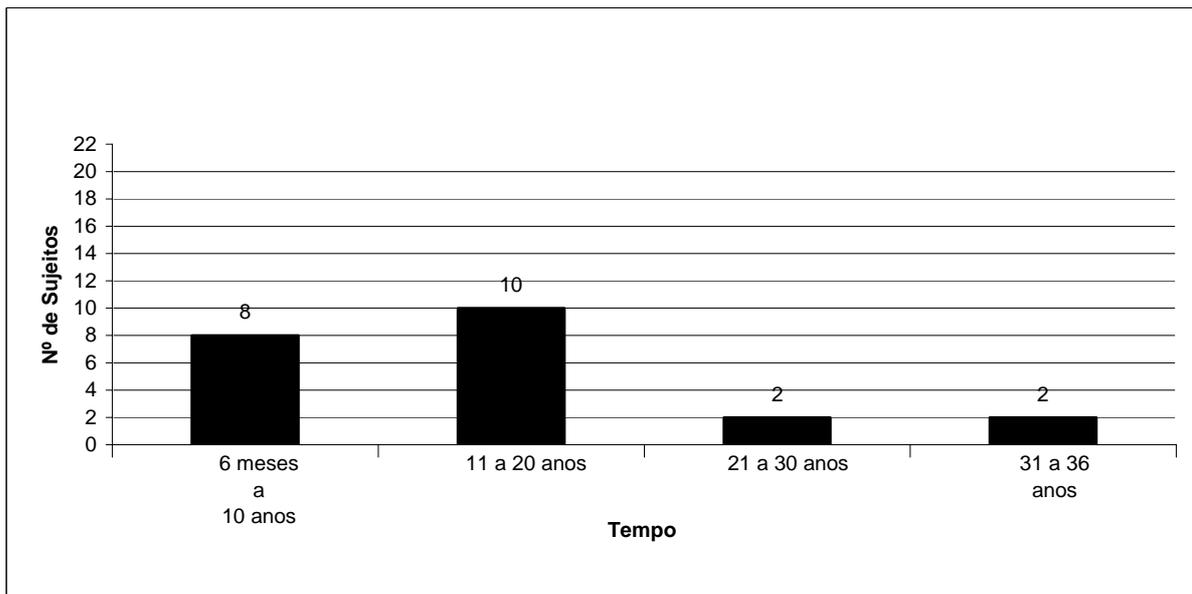
“Pretendo fazer um curso de pós-graduação, mas eu não sei ainda como e nem quando e nem onde e nem de que forma.” (Sujeito 7)

“Daqui a alguns anos eu já vou ter de optar por fazer outra coisa, daí a vontade de fazer uma pós (...)” (Sujeito 2)

“Eu acho que é fundamental eu voltar a estudar (...) Como eu quero dar aulas (...) Na verdade, é uma coisa assim, as redações te tomam muito tempo (...) Você entra às nove e, às vezes, sai à meia-noite e não tem aqueles horários e você perde muitas aulas. Eu acho difícil até hoje. Eu acho que o tempo compromete muito mesmo, mas há necessidade de estudar (...)” (Sujeito 15)

Gráfico 2

Tempo de Profissão



Vale a pena observar que 18 dos 22 sujeitos pesquisados têm um tempo igual ou inferior a vinte anos de profissão, o que nos sugere uma carreira relativamente curta.

Da fala desses narradores podemos inferir que, principalmente no início da carreira, as condições de trabalho são bastante desfavoráveis e penosas, sendo que quase todos os profissionais desta área jornalística apresentam elevado “turnover” (às vezes 7 a 8 empregos) na busca de novas oportunidades e de melhores condições de trabalho.

“Fiquei lá só três meses porque a TV era realmente muito ruim, vários problemas, salário, condições para trabalhar (...)” (Sujeito 8)

“Eu já fiz muita coisa. Coisas muito diversificadas (...) Eu comecei fazendo revista jornal de empresa (...) Depois fiz revisão (...) Depois como revisor no E. (...) Depois no antigo Diário Popular também como revisor. Me tornei repórter, saí e fui trabalhar no Diário, também como repórter de economia. Saí e fui trabalhar no Sindicato do ABC (...) Lá eu fazia um jornal e uma revista, mas também fiz serviços de assessoria. Voltei para o Diário como editor-assistente, voltando para o Agora e Diário de São Paulo, como repórter (...)” (Sujeito 13)

“Consegui um trabalho na rádio Tupi (...) Nos finais de semana eu trabalhava de graça, não ganhava nada, só experiência e era um tipo de gincana onde você ficava em lojas, pontos comerciais (...) O chefe da redação falou: “vem”. Então eu ia, eu arrumava a redação, varria a redação, fazia cafezinho, não ganhava nada (...)” (Sujeito 1)

Tabela 6**Cargos Exercidos Anteriormente**

Cargo Anterior	Total
Repórter (3) Chefe de Reportagem	18
Editor (5) Assistente (1) Executivo	16
Redator	8
Produtor	4
Assessor de imprensa	4
Pauteiro	3
Apresentador	3
Auxiliar de redação	2
Escuta	2
Revisor	2
Colunista	2
Outros: apurador/ diretor/ free-lancer	3
Média	3.04

Tabela 7

Categorias Ocupacionais segundo Gênero

Categorias Ocupacionais	Gênero		Total
	Homens	Mulheres	
Repórter (1 chefe)	6	5	11
Assessor de imprensa	2	-	2
Redator (1 chefe)	2	-	2
Editora	-	1	1
Free – lancer	1	-	1
Apresentador de programa e Editor de TV	1	-	1
Produtora de reportagem	-	1	1
Apresentador de rádio (estagiária)	-	1	1
Colunista político	1	-	1
Locutor / entrevistador	1	-	1
Total	14	8	22

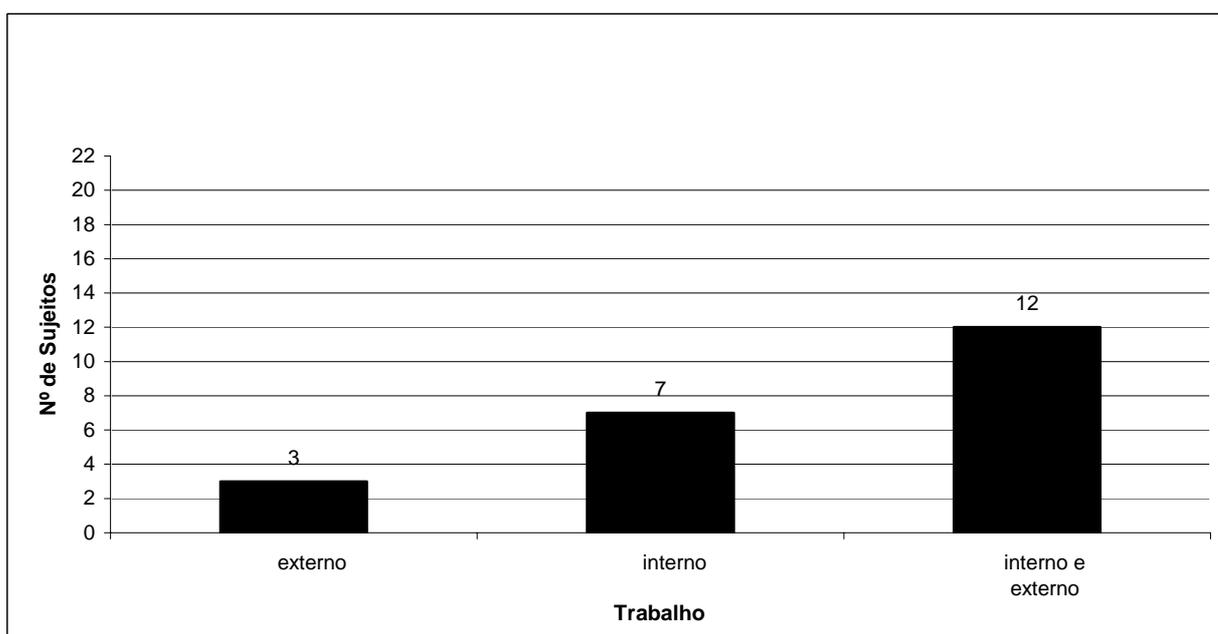
Nas tabelas 6 e 7 observamos a diversidade de funções e ocupações dentro da área do jornalismo. Ademais, um depoente nos tenta alertar para os perigos da polivalência e multifuncionalidade que caracterizam o “jornalista pós-fordista” ou “pós-reestruturação produtiva.” Parece-nos evidente que as mudanças no mundo do trabalho, em termos tecnológicos, impactaram de forma negativa a qualidade de vida dos trabalhadores-jornalistas, como podemos observar.

“(...) de uns anos para cá, piorou muito. Teve um período... que todos os jornais, as empresas tiveram seus ajustes aí. Teve cortes. Informatizaram as redações. Mudaram o sistema de impressão, então, isto já eliminou muita função... é um setor que foi extinto em todas as redações... Hoje o repórter é que fica responsável pelo

texto. Ele tem que editar o seu texto também. Então, hoje, você tem muito menos gente nas redações fazendo muito mais coisas (...) Teve um acúmulo de funções (...) Os jornais todos enxugaram as suas estruturas e quem ficou tem muito mais acúmulo de coisas. Tem mais sobrecarga.” (sujeito 13)

Gráfico 3

Trabalho Interno e Externo



No que concerne ao tipo de trabalho, interno ou externo, parece-nos haver uma tendência, principalmente nos repórteres, ao exercício da atividade externa e interna no seu cotidiano. Ou seja, o repórter não se restringe mais à sua função tradicional, colheita de informações e análise. Hoje, além disso, elabora o próprio texto e, não raro, o revisa. Às vezes, torna-se motorista...

“Ultimamente a gente não tem motorista. Você está com o carro, está dirigindo o carro, se tenho que cobrir o candidato X (...) Eu vou dirigindo o carro atrás dele, na Via Anchieta, e o motorista dele correndo, não tem como parar o carro (...)” (Sujeito 19)

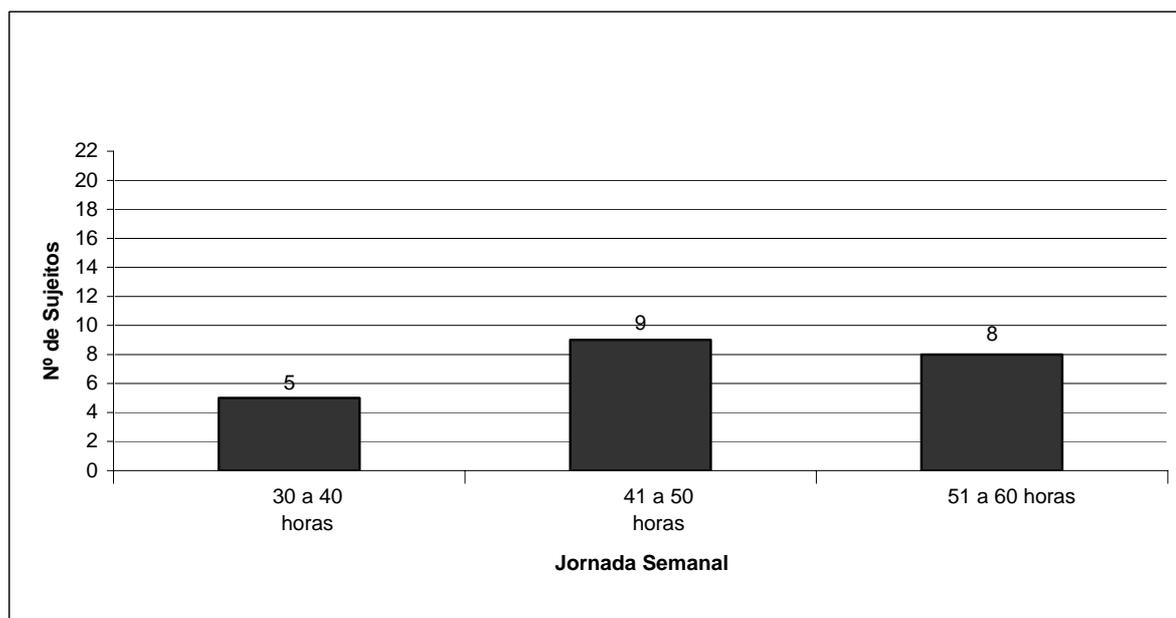
“De uns anos para cá, piorou muito. Informatizaram as redações, isto já eliminou muita função. Hoje o repórter fica responsável pelo texto (...) Ele tem também de editar o seu texto (...)” (Sujeito 13)

“Isto é extremamente ruim (...) Este quadro se agrava drasticamente, porque está tendo demissão atrás de demissão (...) Nestes últimos meses piorou muito. Todos os grandes jornais e revistas e rádios e TVs demitiram pencas de profissionais (...) Redações cada vez mais enxutas. Salários cada vez mais baixos. Cada vez menos infraestrutura.” (Sujeito 4)

Tabela 8

Outras Atividades além da Função

Outras Atividades além da Função	Total
Não responderam	6
Reportagem (1 para revista)	10
Produção de textos	3
Edição de textos (1 fechamento)	3
Assessoria de imprensa	2
Eventos	2
Pesquisa internet	2
Entrevistador	2
Investigação	2
Apuração	2
Consultoria	2
Outros: coordenador de equipe/ locutor/boletim diário e semanal/ análise de mídia/projetos/ apresentador/ cobertura jornalística	7

Gráfico 4**Jornada Semanal de Trabalho**

Média Semanal: 47.63hs
Média Diária: 9.52hs

Como podemos observar no gráfico 4 e na tabela 9, relativos à jornada de trabalho e ao descanso mensal, quando analisamos a totalidade dos dados, temos que 17 dos entrevistados trabalham de 41 a 60 horas semanais. Essa constatação leva-nos à reflexão de que a carga de trabalho da grande maioria dos trabalhadores-jornalistas supera, e muito, as prescrições legais às quais essa categoria profissional está submetida, cinco horas diárias acrescidas de mais duas horas extras. Assim vale a pena observar que a média real diária supera em quase cem por cento à prescrita, ou melhor, é de 9.52 horas diárias.

“Só quem não ganha hora extra é o jornalista (...) Se você está contratado para ganhar sete horas e você trabalha doze, dane-se. Eu cheguei a trabalhar vinte e uma horas seguidas, dentro da redação (...)” (Sujeito 2)

“Algumas pessoas pediram as contas, outras pessoas foram demitidas. Diminuiu um pouco o número de funcionários. Tô fazendo um horário meio maluco: um dia eu entro à tarde, outro dia eu entro de manhã. Tem que matar um leão por dia (...)” (Sujeito 8)

“Acho que o mercado jornalístico nunca esteve tão ruim como está agora. Fecharam-se muitas portas. A carga de trabalho é muito grande. A jornada é muito alta. A exigência é muito grande e o retorno é pouco. Se você não quer, a porta da rua está aqui e tem fila (...) Fazem a mesma coisa que você faz e com um salário menor (...)” (Sujeito 6)

O excesso de trabalho torna-se tão recorrente que metáforas tais como *“matar um leão por dia”* se repetem: *“É como se tivesse que matar um leão por dia. Às vezes você luta bastante com o leão e fala “eu venci e venci legal”, mas às vezes você não vence legal(...) (Sujeito 6)*

Nas falas de vários sujeitos as conseqüências da informatização e automação se fazem sentir em um enxugamento das estruturas e no acúmulo de funções e tarefas.

“De uns anos para cá, piorou muito. Informatizaram as redações, isto já eliminou muita função. Hoje o repórter ficou responsável pelo texto (...) Ele tem também de editar o seu texto (...)” (Sujeito 13)

“Legalmente, a gente tem uma jornada de cinco horas mais duas. Duas são consideradas horas-extras. Todo mundo faz mais que sete horas. Faz oito, nove, dez, onze, doze, treze (...) Os jornais não pagam horas extras e você nem cobra (...) Acaba criando uma inversão: se a pessoa faz apenas o que deveria ser a sua

jornada, passa por privilegiado. Até as outras pessoas acham estranho.”
(Sujeito 12)

“A jornada de trabalho é extremamente pesada.” (Sujeito 2)

“Muito longa, muito extensa, muito cansativa. São sete horas por contrato. Eu faço, em média, de nove a dez. Não recebo um centavo a mais por isso. É todo dia isso.”
(Sujeito 11)

“Eu acordo às quatro e meia da manhã e entro às seis horas. Encho bem o saco de todo mundo na casa, não quero nem saber se acordo ou não acordo.” (Sujeito 10)

“Eu entrava às dez horas da manhã e saía às dez horas da noite (...) Eu trabalhei na Record, era uma loucura. Não tínhamos férias, nunca tive férias (...) Era tudo um bando de loucos (...) Eu me incluo (...)” (Sujeito 10)

Tabela 9

Descanso Mensal

Descanso Mensal	
Sábado e Domingo (9 com plantões)	17
Domingo	2
Outros: Sábado / Sexta-feira e Sábado	2
Não responderam	1

Tabela 10**Conseqüências da Jornada de Trabalho na Vida Pessoal**

Sim	Não	Tipos de Conseqüências	TOTAL
18	4		
		Não responderam	10
		Falta de tempo para família	8
		Falta de tempo para leitura	3
		Falta de tempo para lazer	3
		Falta de tempo para cuidar da casa	2
		Falta de tempo para fazer esporte	2
		Positiva - tem liberdade para outras atividades	1

O “mundo da vida“, a esfera particular, em muitos casos se confunde com a própria atividade profissional, como fica claro nas seguintes narrativas: “*Eu sou jornalista o tempo inteiro. Vida pessoal e vida do trabalho, elas se interpõem (...)*” (Sujeito 19)

“*Oficialmente são sete horas. Mas, normalmente, a gente faz dez, nove, doze (...)* é uma jornada puxada (...) *Você faz plantão nos finais de semana, carnaval você trabalha, eleições você trabalha, feriado você trabalha (...)* A folga é no natal ou no ano novo (...) *A jornada é bastante rigorosa, cruel. Não temos horários fixos de trabalho, para comer (...)* Às vezes entro a uma, às vezes saio à meia noite (...) *Eu já entrei aqui às oito e saí às quatro da manhã.*” (Sujeito 9)

“*Acho que o pior que tem na profissão é o plantão.*” (Sujeito 16)

“*Extremamente cansativa (...)* Quando chego em casa, não agüento mais falar”. (Sujeito 17)

“Muito, muito trabalho. Como a empresa está enxuta, quem ficou acumula função (...)” (Sujeito 19)

“Após um dia de trabalho, eu me sinto um caco (...) Ah, me dá vontade de tomar um litro de maracujina (risos).” (Sujeito 14)

“Se eu disser que não influi..., influi. Eu procuro separar, mas fim de semana (...) Plantões...” (Sujeito14)

“Deixo de estar na minha casa, com minha mulher. Eu deixo de estar visitando a minha mãe, pelo jornalismo (...) Cem por cento do tempo você fica ligado (...) Então, funciona assim, como fonte de informação.” (Sujeito 15)

“Eu acho que influencia a gente assim. A gente acabou de casar e a gente se viu pouco (ri) (...) Pouquíssimo, pouquíssimo, pouquíssimo assim.” (Sujeito 17)

“Nós não temos horário. A gente trabalha de fim-de-semana (...)” (Sujeito 3)

“Eu não vivo para trabalhar, eu trabalho para viver... Eu trabalho na minha casa, eu trabalho junto com a minha esposa. Então, não tem como separar a minha vida pessoal da minha vida profissional (...) É difícil dissociar uma coisa da outra ... A vida pessoal e a profissional estão completamente interligadas.” (Sujeito 20)

“Eu acho que a minha vida pessoal e o meu trabalho não são coisas díspares (...) A minha motivação de viver tá relacionada ao orgulho que eu tenho do que eu faço.” (Sujeito 21)

“Sexta-feira, que é o dia da alegria de todo mundo, que é normal, menos para jornalista, que nunca é normal, é o pior dia porque existe uma coisa chamada pescoço. Você fecha o jornal do sábado e fecha o do domingo também, então sai de madrugada (...)” (Sujeito 6)

“Às vezes, eu sento e não quero conversar com ninguém (...) Eu tenho medo deles não entenderem (...) Que eu cheguei e não quero falar, quero ir para o meu quarto e quero ficar quieta.” (Sujeito 3)

Tabela 11

Satisfação no Trabalho

Sim	Total	Porque	TOTAL
Não			
Sim	18	▪ não responderam	8
		▪ gosta da profissão	6
		▪ realiza o trabalho	2
		▪ apesar de ganhar mal	2
		▪ outros: tem muito trabalho/ é competitivo/ é repetitivo/ ganha bem	4
Não	4	▪ falta de estrutura da organização	3
		▪ sente-se subutilizado	2
		▪ carga horária excessiva	1
Total	22		

Chama a atenção o fato que a maioria dos depoentes, apesar da falta de infraestrutura e de outras demandas, fazem da profissão um verdadeiro fetiche. Gostam e muito, alguns nutrindo por ela verdadeira paixão.

“Um salário superbaixo, fiquei um tempão trabalhando com ele (...) Bem baixinho mesmo (...) Mas eu gostava do que eu faço. Às vezes, até esquecia de receber o

salário, de tanto que eu gostava e gosto ainda. (profissional recordando seu início de carreira).” (Sujeito 14)

“Eu adoro. Eu adoro vir para o trabalho. Eu adoro e adoro mesmo. Então, eu acho que isso ameniza o meu sono.” (Sujeito 15)

“Eu gosto de ouvir as pessoas contarem. Escutar as histórias. Participar, um pouquinho, por quinze minutos daquela vida delas (...) Depois sair e voltar para minha vida (...) Mas não é o que eu faço. Eu trabalho com economia.” (Sujeito 17)

“Eu sempre gostei muito da minha profissão. Eu sempre fui trabalhar com muito entusiasmo (ri), cantarolando não, mas eu ia feliz. Quando eu estou escrevendo, eu me sinto bem. Isso me satisfaz muito. Fazer uma ligação (das notícias e orientar o leitor). A pior coisa para o jornalista é ele não ter um fato para trabalhar, porque é a matéria prima.” (Sujeito 18)

“Às vezes as coisas começam a ficar meio complicadas. O essencial é gostar daquilo que se faz (...) Independentemente dessas restrições todas. Eu faço exatamente aquilo que gostaria de estar fazendo.” (Sujeito 13)

“Escolhi por gostar, principalmente, de rádio e comunicação... Pela paixão pelo rádio e por gostar de algo ligado ao social. Um trabalho que eu gosto, mas que é estressante.” (Sujeito 19)

“Eu sempre fui um amante da palavra, sempre gostei de escrever (...)” (Sujeito 20)

“O emprego não estava mais me fazendo feliz. Eu estava insatisfeita, seja por salário, por relacionamento, por qualquer coisa eu saía, porque acho que a vida da gente é tão louca... Então, pó, trabalhar insatisfeita não dá(...) Eu queria ser uma boa repórter, consegui o reconhecimento do ouvinte.” Dentro de qualquer redação(...) Para o patrão você é um número, não tenha ilusões, você é um número.

Se você tiver na sua cabeça qualquer coisinha importante você vai se dar mal, pensa sempre que você é um número, porque desta forma você vai procurar fazer seu trabalho legal, você vai conseguir seu objetivo(...) Caso contrário, você vai se decepcionar.” (Sujeito 1)

“Eu amo o que eu faço e nunca mais eu largar ela (profissão) (...) Eu não consigo ver a S. sem ser a S. jornalista e eu não consigo ver a jornalista sem ser a S. pessoa (...) Para ser jornalista tem que ter o dom, tem que gostar, gostar muito do que se está fazendo (...)” (Sujeito 1)

“Eu trabalho em um jornal que é policial e é um momento um pouco tenso (...) Eu não gosto de correria. Às vezes, eu tenho de fazer, e isto me incomoda um pouco. Esta parte de correria, com toda sinceridade, eu não gosto. Me incomoda. Eu tenho medo de bater a viatura (...)” (Sujeito 3)

“Eu gosto de Redação, apesar de sofrer. Eu acho que é que nem cachaça. Você vicia (...) O nível de adrenalina é muito forte, assim, e você vicia. Fica escravo dessa coisa.” (Sujeito 6)

“Tem dia que cansa, eu acho que é um dia cansativo. Se eu ganhasse melhor na TV, largaria o emprego na faculdade.” (Sujeito 17)

Tabela 12**Tem mais de um Emprego**

Não	Sim
15	7
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Trabalha em eventuais revisões ▪ Faz faculdade ▪ Inglês ▪ Natação ▪ Free –lancer 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Voluntária ▪ Doméstica ▪ Aula Particular ▪ Palestras ▪ Colaboração para revista ▪ Professor Universitário ▪ Fotógrafo ▪ Assessor de imprensa ▪ Fritas de texto

Uma característica importante nesse grupo de entrevistados refere-se ao fato de que a maioria esmagadora possui uma carga de trabalho excessiva, o que lhes dificulta o exercício de um outro tipo de atividade de forma sistemática fora do jornalismo.

“Eu trabalhava durante o dia, na Unipress, das nove às dezoito e entrava no Estadão, às vinte e duas horas, e ficava até às duas da manhã.... (Sujeito 13)

“Sempre são doze horas de trabalho, na segunda feira, na revista. Terça-feira eu dou aula cedo. Terça e quarta eu dou aula cedo e à noite. Então tem um ritmo mais puxado. Eu acordo umas seis horas porque as aulas começam às sete e meia e vão até às onze... Então, normalmente terça e quarta eu não almoço (...)” (Sujeito 15)

“Já passei por diversas situações (...) Já vendi muita pauta (...)” (Sujeito 17)

Tabela 13**Dificuldade no Trabalho**

Sim/Não	Total	Tipos de Dificuldades no Trabalho	Total
Não	3	▪ não responderam	2
		▪ passou da fase de ter dificuldade	1
Sim	19	▪ falta de estrutura da organização	10
		▪ excesso de trabalho	6
		▪ salário baixo	3
		▪ falta de diálogo	3
		▪ lidar com o poder	2
		▪ direitos trabalhistas	1
Total	22		

Faz-se mister comentar que no transcorrer das entrevistas houve o surgimento espontâneo, geralmente acompanhado de forte carga emocional, de falas relacionadas à competição, desunião, inveja e falsidade entre colegas de profissão. A menção à falta de ética no manejo dos fatos e informações não foi rara.

“Há ciúmes de um lado e intrigas de outro. Eu sei que jornal é uma fábrica de intrigas...” (Sujeito 13)

“Tudo lá é muito tenso. Tudo é no grito e aí eu fiquei doente... esta afonia.” (Sujeito2)

“A maior dificuldade no trabalho é esta: Falta tempo para fazer outras coisas.” (Sujeito2)

“Revisões foram extintas nas redações, porque foram informatizadas (...) Por causa da extinção da revisão, porque achei um absurdo (...) Imagina, extinguir o departamento e não dar uma satisfação para a gente e a gente nem sabia até quando ia trabalhar.” (Sujeito 2)

“Todo ambiente tem competição, tem arrogância e tem inveja. Aí a gente já não se dói tanto ... A gente aprende a lidar com isso.” (Sujeito 14)

“Não existe ética... Ética hoje é dinheiro. Não existe ética... Ética, na minha opinião, não existe no nosso país... Ética é o dinheiro.” (Sujeito 14)

“O jornalista é uma categoria absurdamente desunida... É uma classe muito desunida... (...) Esse sindicato de merda e quem faz o sindicato são os jornalistas. Eu sou sindicalizado. Se você perguntar aqui quem é mais, não tem. Ninguém mais é.” (Sujeito15)

“Isso é uma fábrica de loucos. Estou trabalhando e tudo cai na minha mão. Fiz três, quatro matérias. Eles acham que eu sou o quê? Parece um liquidificador batendo matéria (...)” (Sujeito 16)

“Na televisão há uma competição muito grande... Quantos querem aparecer? Então, há uma disputa muito grande e, às vezes, acaba não sendo feita de maneira correta, de maneira leal. Há muita deslealdade, muita (...) Falam mal um do outro, fazem futrica, querem te derrubar, querem derrubar o outro, entendeu? Isso é uma constante dentro do meio. Então, você não sabe em quem pode confiar. Você está conversando com alguém que, às vezes, tá querendo a sua cabeça. Depois, mais à frente, você percebe que a pessoa trabalhou contra você o tempo todo.” (Sujeito 16)

“Ética? Não tem nenhuma. E não tem que ter. Pra você fazer um programa assim, você não tem que ter. Se você for um pouquinho ético, você é derrubado do jornal...” (Sujeito17)

“Faz porque gosta de se ver na televisão... Em televisão, a gente fala que é um vício (...) É como se você passasse a mão no seu ego.” (Sujeito 17)

“Acho que o que eu menos gosto é das pessoas. As pessoas são excessivamente ambiciosas, competitivas e vaidosas.” (Sujeito 22)

“Existe um desfile de egos muito grande, principalmente na redação.” (Sujeito 13)

“Eu acho que a questão da vaidade, do” Narciso”, tá “lá (TV).” (Sujeito 10)

“Todo mundo narcisista, todo mundo quer aparecer.” (Sujeito 10)

“Algumas pessoas são muito, muito desagradáveis. No jornal, era o famoso leão-serra, que era chamado de rei dos animais porque ele começava a esbravejar no meio da redação, humilhando um repórter (...)” (Sujeito 21)

Tabela 14

Satisfação com Salário

Não estão satisfeitos	Subtotal	Estão satisfeitos	Subtotal
▪ profissão desvalorizada	9	▪ bom salário	3
▪ não tem aumento de salário	3	▪ mantém padrão de vida	2
▪ preciso de dois empregos	2	▪ não respondeu	1
▪ recebe como trainee	2		
	16		6
Total Geral	22		

Chamou-nos demasiada atenção o fato de que a compressão dos salários constitui realidade tão recorrente que chega a “naturalizar-se” nos discursos de algumas chefias e narradores.

“Sei de colegas que ouviram coisas horríveis. Uma garota na minha sala foi falar sobre o aumento de salário e o chefe respondeu assim: ah, vocês vão continuar tomando no cu até o fim do ano.” (Sujeito 21)

“O salário é muito baixo e não existe perspectiva de evolução.” (Sujeito 12)

“Um salário, assim, super baixo. Fiquei um tempão trabalhando com ele, com salário assim...” (Sujeito 14)

“O jornalista acaba cumprindo funções que não deveria cumprir, não recebe hora extra e não tem muito poder de defender-se (...)” (Sujeito 16)

“Já fiz muita hora extra (...) o salário é o pior.” (Sujeito 17)

“O que eu menos gosto é o salário. Com o plantão você fica acostumado, um pouco... Você acaba se acostumando. Mas, o salário enche o saco mesmo.” (Sujeito 19)

“O que eu menos gosto é da insegurança financeira (...) Da desregulamentação total do mercado (...) Não ter seguridade social de espécie alguma (...) Me tira o sono...” (Sujeito 20)

“Com vinte e dois anos eu estava editando Economia... Eu já estava ganhando bem e já tinha um cargo razoável (...) Hoje, salários cada vez mais baixos.” (Sujeito 4)

“Na nossa profissão, direitos trabalhistas não existem mais. Alguém inventou há algum tempo atrás a bendita prestação de serviços. Todo mundo emite nota, sabe?”

Empregado com carteira assinada, em rádio e televisão, é uma mosca branca. A não ser o pessoal operacional...” (Sujeito 10)

“Eu fiquei insatisfeito porque (...) Não senti um reconhecimento em termos de salário (...)” (Sujeito 14)

Tabela 15

Dificuldade com a Família

Dificuldade com a Família	
Negativo	
falta tempo disponível	11
Distância	4
condição financeira	3
falta de diálogo	2
falta de compreensão com o horário de trabalho	1
Positivo	
não tem dificuldade	5

Podemos observar nesta tabela e nas narrativas apresentadas que os sujeitos da pesquisa têm consciência das dificuldades que o trabalho acarreta para o convívio familiar. Contudo, não conseguem visualizar uma saída para essa colonização do mundo do trabalho (sistêmico) em relação ao mundo da família (da vida) (Habermas, 1990).

“Meu período de férias é em abril, fico longe da família (...) Se eu estou pronta para ir a uma festa com ele (companheiro) e meu chefe liga e fala que aconteceu um acidente sério e diz: ‘preciso de você,’ então eu vou.” (Sujeito 3)

“Encho bem o saco de todo mundo na casa, não quero nem saber se acordo, se não acordo.” (Sujeito10)

“O trabalho acaba com a minha vida pessoal. Eu, às vezes, gostaria de ter uma vida normal, sabe (...) Sou um cara muito caseiro. Gostaria de poder estar com a minha mulher, com os meus filhos. Me faz uma falta desgraçada. Não tem jeito.” (Sujeito 6)

“A gente acabou de se casar e a gente se viu pouco (ri). Eu chego em casa, troco meia dúzia de palavras (ri) (...) não agüento mais falar. O relacionamento sexual cai, cai, cai. Por mais que você queira “tá” ali, não adianta (ri).” (Sujeito 17).

“Eu sou separado faz quinze anos (...) Depois da separação perdi algumas namoradas por causa da boa relação com minha ex-mulher. Até uma relação de separado meio estranha (...) Surgiu na minha vida uma jornalista alemã, morou no Brasil com bolsa. Não posso dizer que morou comigo porque ela ficava comigo quando estava em São Paulo (...)” (Sujeito 18)

“A gente ainda não se animou a colocar os pimpolhos no mundo (...) Um dos motivos é essa questão de instabilidade. A gente não sabe se “tá” no Brasil, se “tá” fora do Brasil. Se tem salário esse mês, se não tem (...) (Sujeito 20)

“Moro sozinho e trabalho feito louco. Apesar de ser uma pessoa meio fechada (...) me dou bem com minha família e vou visitar meus pais regularmente.” (Sujeito 13)

“Eu chego em casa (...) procuro me divertir; senão, eu não agüento.” (Sujeito 14)

“Eu fiquei casado até os trinta. Me separei! Fui morar com uma menina (...) Me separei (...) Eu moro com a minha terceira esposa (...) Eu deixo de estar na minha casa, com a minha mulher. Eu deixo de estar visitando a minha mãe pelo jornalismo (...)” (Sujeito15)

“Ela (esposa) saía de manhã para ir para o consultório, eu tinha terminado o café da manhã, ia começar a ler o jornal, parou um carro da televisão e falaram: Pega tuas coisas e vamos para a Argentina. “Tá” tendo um levante de militares e a gente tá indo pra lá (...) Ela (esposa) ligou a televisão, quando acordou, eu estava ao vivo, no meio do tiroteio. Ela (esposa) falou que ‘viver comigo é uma aventura muito difícil.’ Não dá, é muito complicado viver com você’ (ri). Aí me separei dela (...)” (Sujeito 16)

“Horível. Horível, eu me sinto muito mal. Eu vivo com eles, eu vivo para eles e não consigo administrar. Eu sinto falta, porque eu queria conversar com a minha família (...) Já teve dias que eu sentei e chorei (...)” (Sujeito 17)

Tabela 16

Tipo de Diversão

	Tipo de Diversão
16	Cinema
9	Viajar
7	Ler
6	Dançar/ouvir música/ir ao restaurante/encontrar com amigos/ver tv
3	Teatro/caminhar/namorar
2	Jogar
7	Outros: tomar cerveja/ir a shows/visitar a família/ir ao shopping/ficar em casa/ir a exposições/fotografar

O que se percebe das tabelas elaboradas e dos fragmentos transcritos é que muitos dos nossos depoentes demonstraram apreciar atividades diferenciadas de lazer, mas só têm acesso, com maior frequência, àquelas menos onerosas, tal como cinema, ida a restaurantes etc. Aquelas que exigem maior disponibilidade financeira tornam-se mais raras ou só se realizam justamente quando perdem sua qualidade de diversão,

ou melhor, quando proporcionadas pelo trabalho. Viajar, atividade tão desejada e tão postergada, serve de exemplo.

“Eu não tenho tido muito tempo pro lazer. Eu tenho tido muito trabalho, muitas preocupações (...) Não tenho muito lazer (...) Cinema (...) Eu gosto muito de comer (...) Bater papo.” (Sujeito 1)

“Eu gosto de ir ao cinema (...) Ir ao parque porque lá dá pra caminhar (...) Na verdade, não dá tempo de fazer muita coisa, dá pra ler. Viajar muito eventualmente.” (Sujeito 2)

“Eu gosto de dançar... de viajar... ir ao cinema... de namorar... e viajar.” (Sujeito 3)

“Eu faço caminhada(...) Leio muito. Gosto muito de cinema, teatro. Meu lazer é predominantemente cultural. Viagens, eu viajo tanto a trabalho.” (Sujeito 5)

“Lazer? Ultimamente nada.” (Sujeito 6)

“Ultimamente eu não tenho saído muito. Eu estou terminando um trabalho de TCC. O meu único lazer está sendo a ginástica.” (Sujeito 7)

“Eu adoro ir ao cinema. De vez em quando eu viajo, mas é bem raro .” (Sujeito 8)

“Eu adoro dançar. Eu gosto muito de ir ao cinema e ao teatro. Mas eu tenho chegado em casa tão cansada que eu quero ler, mas não dá pra ler não.” (Sujeito 9)

“Não faço nada... Eu evito conviver com quem trabalha comigo. Desde que eu descobri isso foi maravilhoso, senão você não fala de outra coisa, só fala as idiotices do dia-a-dia...” (Sujeito 10)

“Vai ao McDonald’s (...) Na vovó deles, a minha mãe. Quando sobra um pouquinho mais de dinheiro a gente vai ao Shopping gastar um pouquinho (..)” (Sujeito 11)

“É ler... Eu sempre gostei de música... Gosto muito de caminhar (...) mas é problema de tempo quando não é limitação financeira (...) Eu acabo não viajando como gostaria.” (Sujeito 13)

“Vou ao Shopping. Gosto de passear em supermercado. Gosto de ficar em casa ... Ou viajo, mas, ultimamente, não tenho tido tempo de viajar.” (Sujeito 14)

“Lazer é ridículo. Meu lazer é ler. É ir ao cinema (...) Tentar descobrir lugares (...) Eu soube que existe uma padaria no Mosteiro de São Bento.” (Sujeito 15)

“No verão, eu faço churrasco e uso a piscina aqui de casa (...) Costumo sair à noite (...) No fim de semana fico quieto na praia e tal.” (Sujeito 16)

“Gosto de cinema. Viajar, eu gostaria de viajar mais. Faz muito tempo que eu não viajo. Espero poder viajar mais.” (Sujeito 19)

“Quando eu posso eu danço, quando dá tempo eu danço.” (Sujeito 19)

“O principal lazer... é complicado. A minha vida está muito junto à minha vida profissional. Eu não posso dizer para você que eu viajo por lazer. Faz tempo que eu não tenho uma viagem de lazer. Eu faço viagem de trabalho, mas eu me divirto pacas...” (Sujeito 20)

“Esporte. Eu leio também. Gosto de jogos de computador... E gosto muito de sair para tomar cerveja com os amigos.” (Sujeito 21)

“Eu gosto, principalmente de cinema, de sair para jantar, para almoçar (...)” (Sujeito 22)

Tabela 17**Gostaria, mas não Faz**

Gostaria, mas não faz	
18	Viajar
7	Esportes
6	Teatro
3	Cinema / shows
2	Namorar / eventos / sair com a família / conversa com amigos / ler
7	Outros: ter cachorro/ir a festas/ter um grupo musical/ir a estádio/tocar instrumentos/ir a bares/fazer cursos

Tabela 18**Caracterização dos Sujeitos quanto ao Sucesso e Fracasso nos Quadrantes de Qualidade de Vida**

Quadrante	Nº de sujeitos com sucesso	Nº de sujeitos com fracasso
Social	15	7
Afetivo	7	15
Profissional	7	15
Saúde	2	20

Utilizamos o questionário relativo ao “sucesso e fracasso nos quadrantes de qualidade de vida” com a intenção de avaliar a qualidade de vida dos sujeitos da pesquisa. Para tanto, obedecemos aos critérios de contagem propostos por Lipp e Rocha (1996), responsáveis pela autoria do instrumento.

Na tabela acima, percebe-se que o quadrante social destaca-se dos demais, apresentando-se muito acima deles. Parece-nos que o aspecto social é fator primordial, condição “sine qua non” para o sucesso profissional. Certa extroversão,

mínima loquacidade e habilidade no contato social os habilitam à coleta de informações, que, como bem narra um depoente, é a “matéria prima” imprescindível para o trabalho desses profissionais da área de comunicação social. Nos demais quadrantes - afetivo, profissional e saúde - percebemos que houve o predomínio absoluto do fracasso.

Gráfico 5

Quadrantes de Sucesso e Fracasso

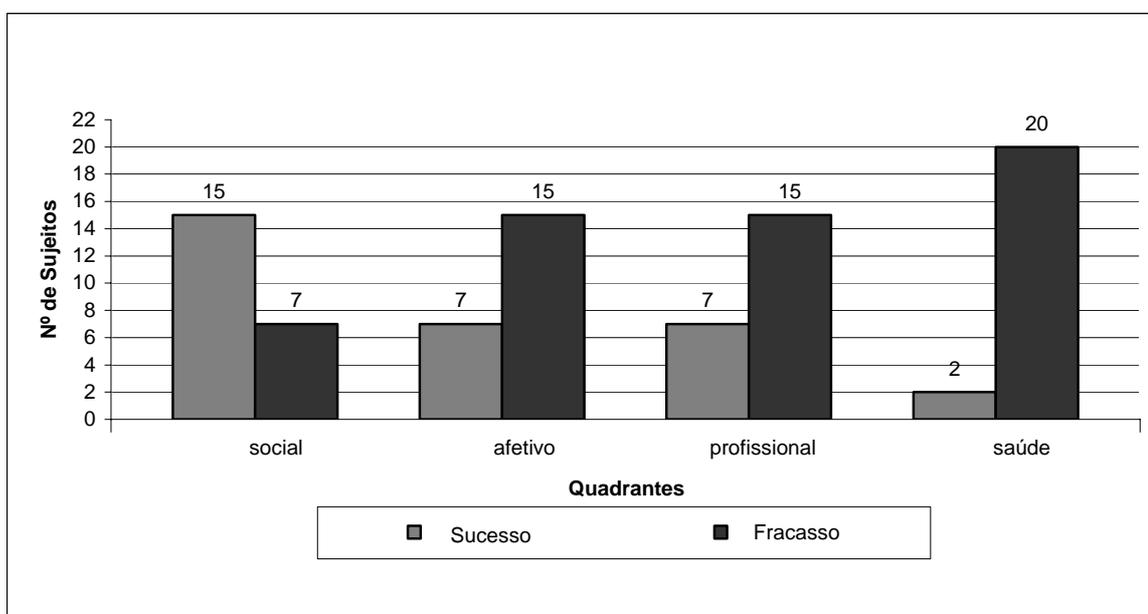
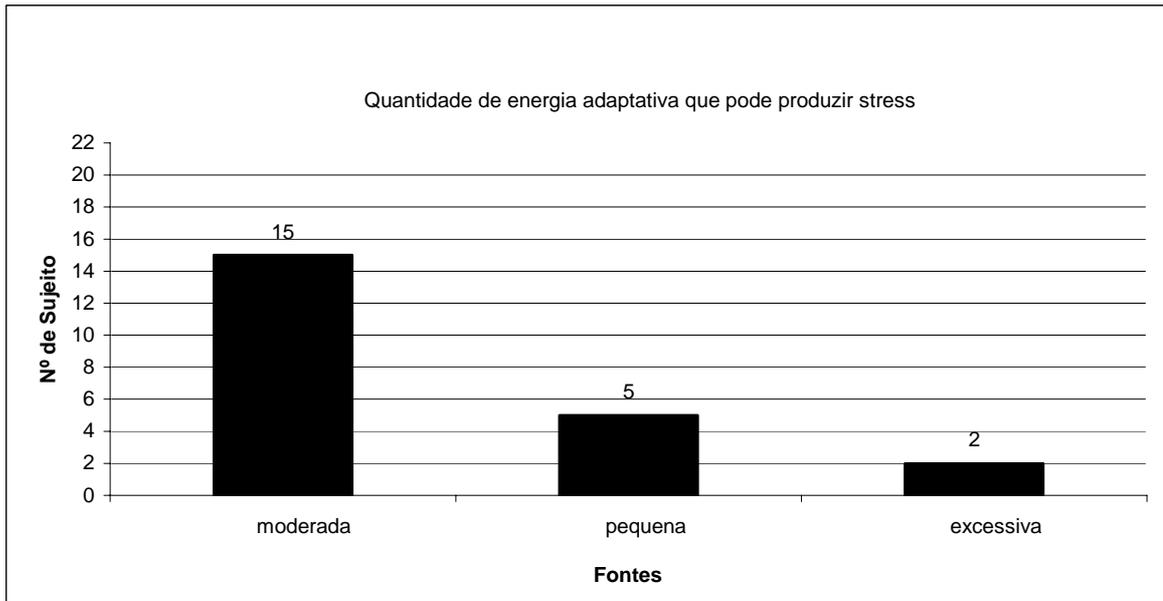


Gráfico 6**Fontes Externas de Stress**

Nesse gráfico, aplicou-se uma escala de pontuação, baseada na lista de eventos de vida de Holmes e Rahe, traduzida por Marilda Novaes Lipp (1990). Originalmente, essa escala foi criada para avaliar as fontes externas de stress, isto é, mudanças que ocorrem na vida e que podem produzir stress. De acordo com a escala, os resultados mostram que 17 sujeitos têm maior probabilidade de estressar-se devido à quantidade gasta de energia adaptativa.

No que diz respeito às respostas do stress, os jornalistas apresentaram os seguintes níveis:

Gráfico 7

Stress

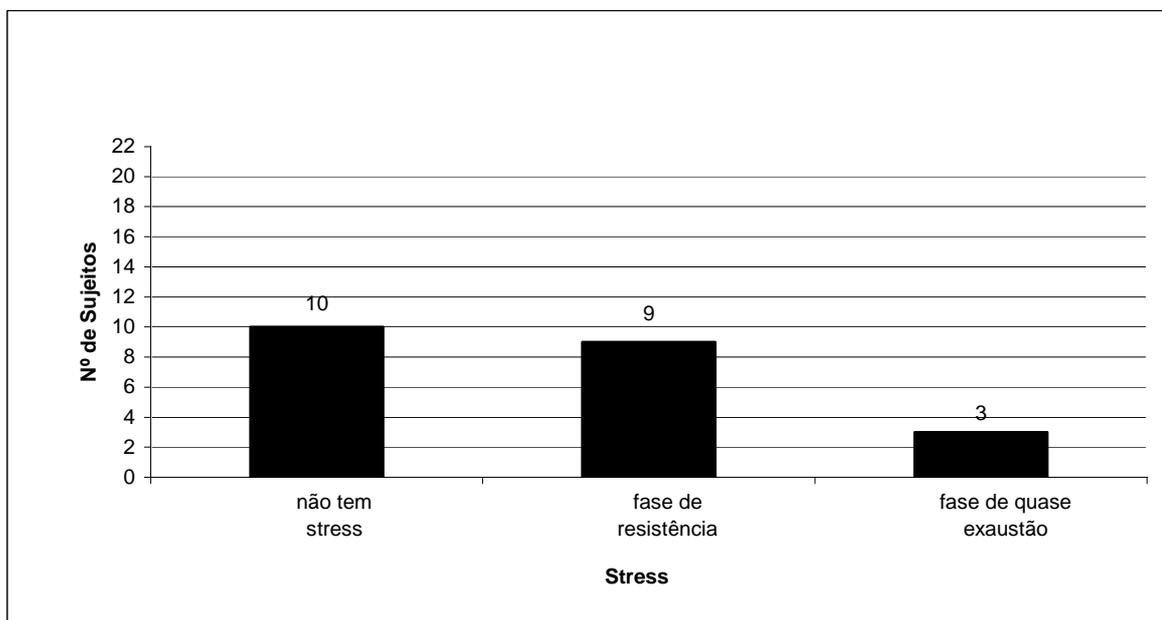
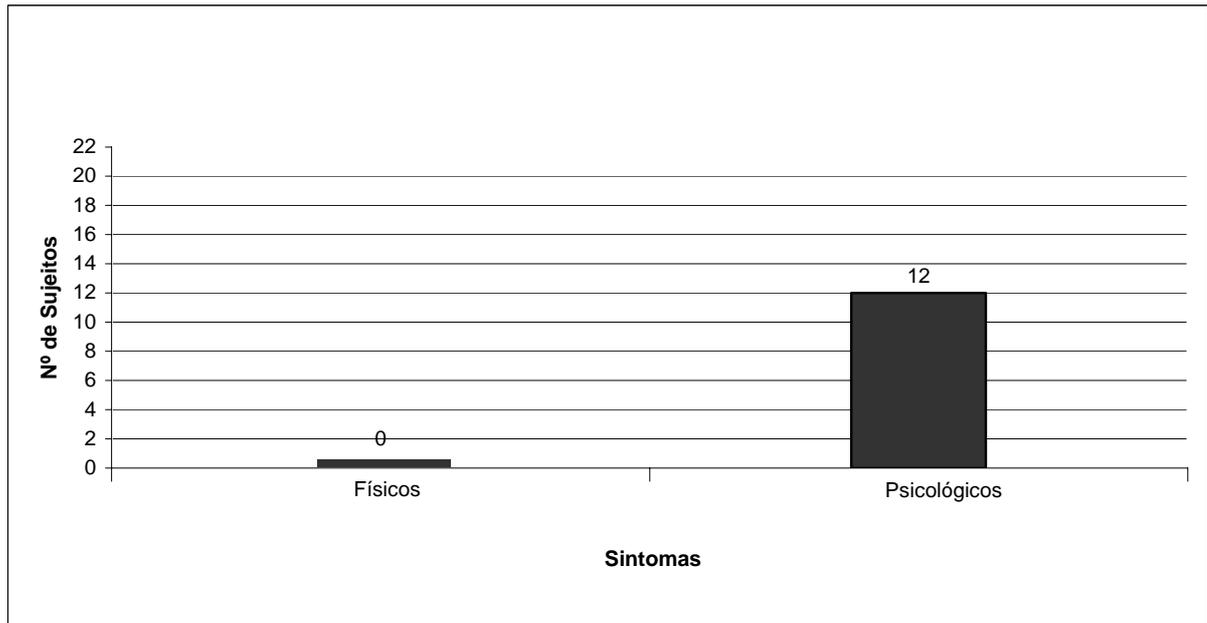


Gráfico 8**Predominância de Sintomas**

Quando pedimos para os entrevistados responderem a questões do “Manual do Inventário de Sintomas de Stress para Adultos de Lipp (ISSL, 2000)”, nosso intento não era o de apenas identificar, de modo objetivo, a sintomatologia que o sujeito apresentava, o tipo de sintoma e a fase em que se encontrava; mas também desejávamos aferir como esses depoentes interagiam com tal desconforto, considerando que todo ser humano pode, em certo momento de sua existência, ter pelo menos um sintoma de stress, sem de fato possuí-lo. Também tínhamos plena consciência da possibilidade do sujeito assinalar alguns itens e, apesar disso, o stress não ser devidamente sinalizado. Assim sendo, faz-se necessária uma interpretação cautelosa dos gráficos que virão a seguir, pois esses não necessariamente coincidem com a veracidade e a espontaneidade dos depoimentos.

“Quem diz não sou estressado está mentindo. Todos nós somos um pouquinho (...) Eu já cheguei ter uma crise grave de stress a ponto de ser obrigada pelo médico a tirar licença (...)” (Sujeito 1)

“O stress do jornalismo é este, porque é tudo muito...você corre, corre contra o tempo.” (Sujeito 3)

“Ambiente de redação, que é extremamente estressante.” (Sujeito 4)

“Manipular informações sigilosas. Eu acho que elas são, hoje em dia, os meus maiores fatores de stress.” (Sujeito 4)

“Todo mundo é estressado. Todos... vão reclamar de stress, de falta de tempo, enfim, estas devem ser as reclamações usuais da profissão (...)” (Sujeito 4)

“O que você reúne de informação é uma estupidez (...) É tanta informação (...) É uma coisa muito louca e te dá um stress violento. Isto é um fator de alto stress.” (Sujeito 5)

“Como eu não levo coisa pra casa, eu não levo preocupação (...) Engano todo mundo e amanhã eu termino, mas não vou me estressar.” (Sujeito 5)

“Há uns cinco meses atrás, eu tive problema de stress. Travou minha coluna e tudo. Fui para o médico e o médico falou: “É stress. Tem de dar uma parada.” (Sujeito 6)

“Sempre estressada, não. Eu tenho meus minutos de stress. Eu tenho picos.” (Sujeito 7)

“Me sinto, em muitas situações eu me sinto estressada. Por causa do trabalho. Por causa dessa nossa profissão. Existem situações em que você realmente convive com o stress. O jornalismo é: “tempo é dinheiro.” (Sujeito 8)

“Às vezes. Eu consigo perceber quando eu “tô” entrando numa fase de muito stress e daí eu já tento dar uma desligada (...)” (Sujeito 9)

“Tem muita gente com LER, principalmente as pessoas da internet. Eu tenho um amigo afastado quinze dias por causa de stress (...)” (Sujeito 9)

“Então a gente vive nesse, nesse mercado, aí é um stress muito grande. Aí você tem um stress muito grande.” (Sujeito10)

“Estressado muito. Muito mesmo. Muita cobrança.” (Sujeito 11)

“Não. Na maior parte do tempo, não. É uma coisa de que eu gosto muito de fazer.” (Sujeito 13)

“Sim. Ultimamente estou me sentindo muito estressada.” (Sujeito 14)

“Às vezes fico cansado mesmo. Travado. Acho que o stress é muito em função de achar que falta o tempo.” (Sujeito 15)

“Teve uma época, eu travei ”brabo” (...) Eu não tinha mais fome e não estava dormindo. Eu deitava e não dormia (...) Nossa, estou travando (...) E a solução foi parar de fazer o trabalho (...) Aí voltou ao normal. (Sujeito 15)

“Acho que menos que a minha mulher (ri)... Já tive momentos piores...” (Sujeito 16)

“Sinto, sinto estressada pela carga de trabalho. Fico chateada, brava, rôo unha de monte, aí fico com mais dor de estômago, com dor de cabeça, o corpo grita.” (Sujeito 17)

“Eu “ tô” um pouco, ultimamente. Eu “tô” lendo um livrinho da Sei-cho-no-iê. (...) Lendo essas “Sutras Sagradas (...)” (Sujeito 18)

“Se eu não gostasse, se eu trabalhasse na rádio por obrigação, eu estaria mais estressada ... Porque o dia-a-dia cansa. Stress de muito som alto. Você “tá” vinte e quatro horas pensando em notícia.... às vezes não relaxo.” (Sujeito 19)

“Estressado? Constantemente, por causa dessa jornada de trabalho estafante, dessa esquizofrenia de atividades que é o contraponto dessa coisa da versatilidade. Você acaba tendo que ter vários focos ao mesmo tempo. Se seu pudesse ficar em uma coisa só, meu nível de stress seria menor. Mas não dá.” (Sujeito 20)

“Estressado? No momento, não muito. Mas eu costumo me sentir estressado sim. Eu consegui adaptar a minha vida. Fazer esportes me ajudou muito. Mas eu sou uma exceção. A maior parte dos jornalistas é extremamente estressada (...) Estressados e infelizes (ri). Eles ficam mais estressados por causa desse medo de perder o emprego.” (Sujeito 21)

“Eu me sinto muito pesado (...) Tem dias que eu faço uma limpeza, que é de chorar. Você pega e fica chorando e isso alivia bastante (ri). Eu tenho essa técnica. Tenho isso porque senão eu acho que enlouqueço.” (Sujeito 22)

No que concerne a esse segundo grupo amostral, gráficos 9 e 10, observamos uma maior coincidência entre os resultados das respostas relativas ao stress e as narrativas dos depoentes do primeiro grupo.

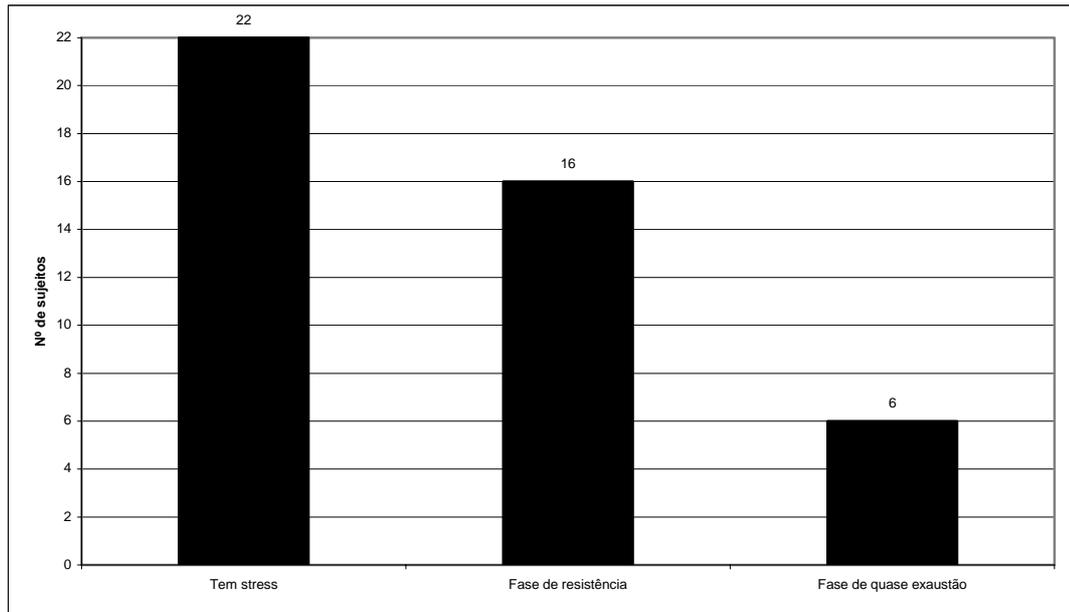
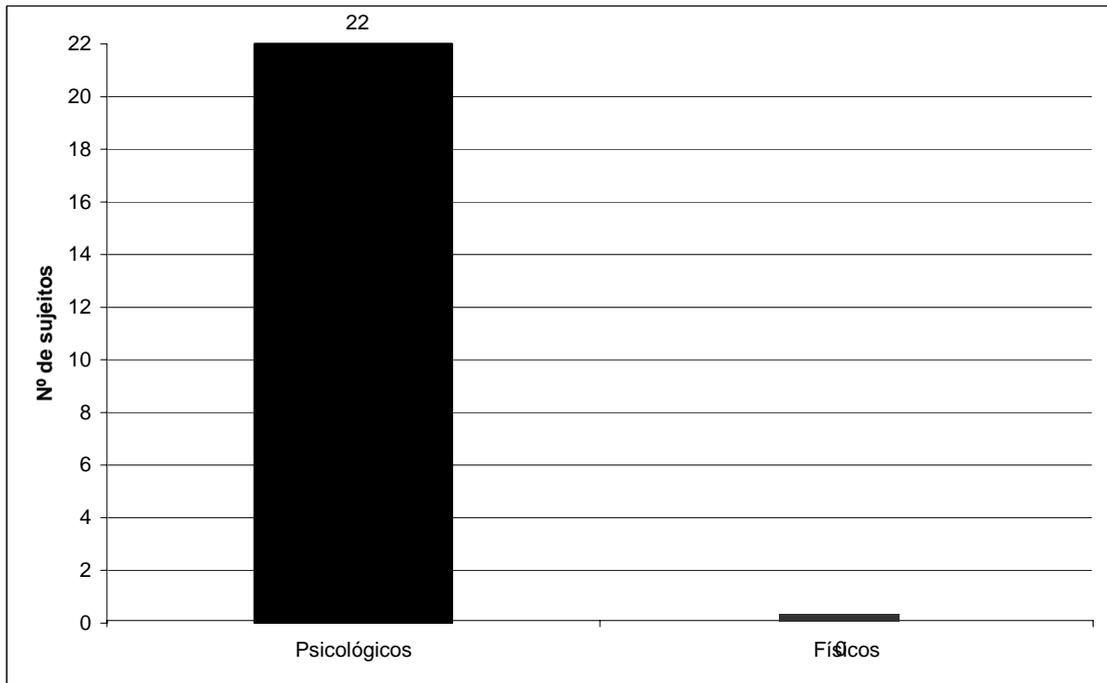
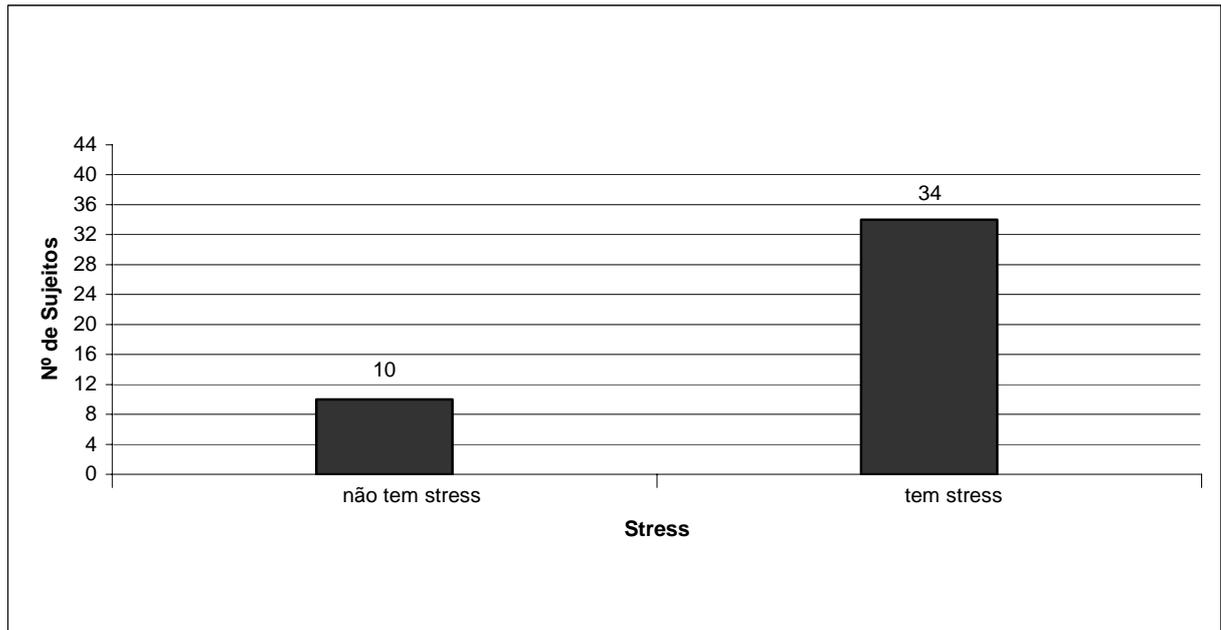
Gráfico 9**Stress**

Gráfico 10**Predominância de Sintomas**

O gráfico a seguir demonstra que a maioria absoluta dos 44 sujeitos que se submeteram à nossa pesquisa apresentam stress.

Gráfico 11**Stress****VIII. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O preço que os homens pagam pelo aumento de seu poder é a alienação daquilo sobre o que exercem o poder. Adorno e Horkheimer em “A dialética do esclarecimento”, p. 24

Nessa pesquisa procuramos demonstrar que a deterioração da qualidade de vida no trabalho banalizou-se, ou melhor, naturalizou-se. Depreendemos do referencial

teórico utilizado que, no atual sistema de produção, o trabalhador–jornalista é forçado a negociar a sua força de trabalho para a sua subsistência.

As organizações, pressionadas pelo processo de globalização, substituem cada vez mais o homem pela máquina, implementam novas tecnologias e obrigam o jornalista a adaptar-se freneticamente a elas. Assim sendo, o seu corpo, que é o seu instrumento de trabalho, se “ressente” e a sua mente se “surpreende” como se pode inferir através da observação dos consideráveis níveis de stress. Afinal, como responderam dois de nossos depoentes, *“isso é uma fábrica de loucos”, “o ambiente era tão pesado que as pessoas morriam... de câncer”*.

Procuramos investigar em que medida e de que modo essas mudanças impactaram a qualidade de vida desses profissionais formadores de opinião. Mais do que isso, preocupamo-nos em estudar a percepção desses jornalistas em relação à deterioração quanto à QVT.

Tendo por base uma abordagem dialética calcada no estudo das contradições do discurso, tal como já apregoava Max Pagès (1987) e foi observado nos relatos dos sujeitos - *“é meio que amor e ódio, esse negócio aqui”* - elaboramos uma série de questões abertas e fechadas a serem analisadas, qualitativamente e em profundidade. Ademais, também utilizamos outros instrumentos complementares, tais como o Inventário de Sintomas de Stress, Qualidade de Vida e Escala de Reajustamento Social com o objetivo de dar maior fidedignidade aos depoimentos colhidos.

Com certa desenvoltura e às vezes de forma catártica, nossos depoentes não só admitiram uma significativa deterioração de sua qualidade de vida, como alguns demonstraram desejo de mudança de atividade profissional, tendendo, em sua maioria, para a área jurídica.

A maior parte desses profissionais admitiu a possibilidade de tornarem-se descartáveis e consideraram “natural” a contínua mudança de emprego. Como se

isto não bastasse, ficou claro para nós que muitos dos sujeitos julgavam ser difícil conciliar trabalho e vida pessoal.

Não obstante haja um significativo grau de consciência no que concerne à deterioração da qualidade de vida, quase todos os sujeitos tentam adaptar-se, como podem, a esse fato, por meio de saídas individuais. Quanto à possibilidade de soluções mais coletivas, como por exemplo, via sindicato, simplesmente descrêem, pois segundo um dos entrevistados *“o jornalista é uma categoria absurdamente desunida... também este sindicato de merda...”*

O mais preocupante na análise das entrevistas é um claro indicador de que as práticas organizacionais trouxeram, como efeito colateral danoso, não apenas a corrosão de certos valores básicos, mas, principalmente, a cisão da idéia de qualidade de vida e excelência no trabalho. Assim, a felicidade é sempre postergada, e, em decorrência disso, também o tempo para família, para os filhos, para o lazer e para o amor. Alguns chegam a alegar que fora do ambiente de trabalho só fazem o imprescindível, faltando tempo para namorar.

Como Richard Sennett (1998) bem apontou, o comportamento imediatista obstaculiza e descaracteriza o sentido de lealdade, amizade e confiança. As organizações dispensam seus trabalhadores com facilidade e estes “rebelam-se,” envolvendo-se com as suas tarefas e alienando-se do grupo. A vivência do trabalho passa a ser um simples intervalo entre um emprego e outro e parece causar inevitavelmente a diluição da idéia de fim. Como é sempre possível recomeçar, cria-se a ilusão de que o sofrimento é sempre temporário e, portanto, suportável, desde que outras benesses sejam ofertadas.

Assim sendo, o sofrimento que, para Cristophe Dejours (2000), deveria ser uma expectativa com relação à auto-realização, um estado mental que implicasse em um movimento da pessoa sobre sua existência, passa a ser relegado à condição de estado temporário, dentro da ilusão de que o curto prazo torna tudo plausível ... Se o

próprio significado de vida mostra-se deteriorado pelo predomínio do efêmero, isto nos leva a acreditar que as iniciativas em prol da QVT parecem estar muito mais alinhadas com aspectos da profissão do que com uma genuína emancipação.

O trabalho parece não ser mais depositário de um processo de vivência e identificação coletiva. Com a competição cada vez mais acirrada, devido aos inúmeros processos de reestruturação produtiva e enxugamentos exigidos pela organização, a questão ética fica ainda mais comprometida. Manipulação das informações, humilhações no trabalho e ausência de sindicalização parecem ser recorrentes: *“se você for um pouquinho ético, você é derrubado do jornal...”*

Se quase todos reconhecem haver uma instrumentalização da subjetividade no ambiente de trabalho, por que não desistem? Por que insistem na profissão? A dúvida que se colocava, afinal, era a do porquê jornalistas, geralmente bem qualificados e informados, formadores de opinião, se sujeitarem a condições como estas: *“você vão continuar tomando no cu até o fim do ano”*. O que se concluiu pelos depoimentos é que a maioria desses sujeitos simplesmente *ama seu trabalho*, são *apaixonados* pelo que fazem, *fetichizam* sua profissão.

Apesar do *“glamour”*, do fetiche pelo jornalismo, como já vimos, alguns buscam outras saídas pois, ao contrário de outros colegas, não suportam mais adiar a felicidade e temem não mais agüentarem o ritmo de trabalho por muito tempo, ou melhor, até a aposentadoria. Isto fica evidente pelas seguintes falas: *“hoje a redação é uma padaria, é uma linha de montagem...”*

Ao contrário do que supõem alguns entrevistados, as novas práticas político-econômicas e culturais não podem ser revertidas a partir de soluções individuais, inócuas no atual contexto mundial, nem tão pouco por meio das organizações jornalísticas, pois o processo foi criado em seu próprio benefício. Se há um caminho para uma reversão dessa lógica, este deve iniciar-se no fortalecimento do coletivo, dos órgãos de representação, tal como associações de classe e sindicatos.

Assim sendo, faz-se necessário que as instituições que *formam os formadores de opinião*, tal como universidades, comecem desde cedo a cultivar o senso ético, o amor à verdade e a reflexão sobre a felicidade, como nos ensinou Teilhard de Chardin.

*“Sem dúvida, como todos os outros seres animados, o Homem deseja essencialmente ser feliz. Mas, nele, essa exigência fundamental toma uma forma complicada e nova. Com efeito, o Homem não é somente um ser vivo mais sensível e mais vibrante que os outros. Por força de sua ‘hominização’, ele se tornou um ser vivo reflexivo e crítico. Ora, esse dom da reflexão acarreta por si mesmo duas temíveis propriedades, quais sejam: a percepção do possível e a percepção do futuro – duplo poder cujo aparecimento basta para perturbar e dispersar a ascensão até então tão coerente e tão límpida da Vida. Percepção do possível e percepção do futuro, ambas se conjugando para tornar inexauríveis e para dissipar em todos os sentidos tanto os nossos temores quanto as nossas esperanças...”*²

IX. BIBLIOGRAFIA – A NOSSA FUNDAMENTAÇÃO

Para a elaboração desse trabalho, a bibliografia utilizada incluiu referências multidisciplinares, ainda que seja possível realçar, dentro do seu conjunto, aquelas oriundas da História do Jornalismo e da Sociologia, com ênfase às relacionadas à área do Trabalho, Identidade Profissional e Saúde Mental; e das Ciências Sociais, com destaque às relacionadas à área de Saúde Mental e Trabalho.

No rol dos conceitos norteadores desse estudo e nele mais ou menos explícitos e/ou implícitos, destacamos sobretudo os referentes à Psicopatologia do Trabalho e à Psicanálise das Organizações, tal como, respectivamente, os de organização do trabalho, sofrimento psíquico, sobrecarga psíquica e defesas coletivas por um lado

² Fragmento extraído da conferência proferida por Teilhard de Chardin em Pequim, em 1943.

e, por outro, os de estrutura psíquica, realidade psíquica, fantasia, identificação, defesas, narcisismo, ideal de ego e desejo (em contraposição à farta literatura sobre motivação - comportamentalista em sua grande maioria - , por exemplo).

Além disso, foram arroladas na bibliografia publicações que se referem aos aspectos culturais nacionais, ainda que essas não tenham sido expressamente utilizadas. De qualquer modo, tratam-se de publicações que englobam discussões que se relacionam diretamente aos modos de subjetivação possivelmente presentes nos sujeitos a serem pesquisados. Foi essa a nossa opção.

ABRAMO, Cláudio. *A regra do jogo*. São Paulo: Cia das Letras, 1988.

ADORNO, Theodor ; HORKHEIMER, Max. *A dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

ADORNO, Theodor. *Dialéctica negativa*. Madri: Taurus, 1975.

_____. *Mínima moralia*. São Paulo: Ática, 1992.

ALBERTI, Verena. *História oral – a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: FGV, 1990.

APPAY, Beatrice (org.). Précarisation sociale et restructurations productives: In: *Précarisation sociale, travail et santé*. Paris: Iresco, 1997. Cap. 10, p. 509-553.

ASSUMPÇÃO, Maria Elena ; BOCCHINI, Maria Otilia. *Para escrever bem*. São Paulo: Manole, 2002.

BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica*. Vol. 1. São Paulo: Ática, 1990.

- BEEHR, T. Personal and organizational strategies for handling job stress: a review and opinion. In: *Personnel Psychology*, USA, v. 32, n.1, p.43, 1979.
- BIRMAN, Joel. *Entre cuidado e saber de si: sobre Foucault e a Psicanálise*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- BORGES, Luiz Henrique. Trabalho e doença mental: reconhecimento social do nexos entre trabalho e doença mental. In: JARDIM, Silvia (Org.). *A Danção do trabalho*. Rio de Janeiro: Ed. Terocorá, 1998.
- CALLIGARIS. A sedução totalitária. In: *Clínica do social*. ARAGÃO, Luiz Tarlei de et alii (Org.). São Paulo: Escuta, 1991.
- CAPELATO, Maria Helena. *Os arautos do liberalismo: imprensa paulista 1920-1945*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- CASTEL, Robert. *O Psicanalismo*. Rio de Janeiro: Graal, 1990.
- CHARDIN, Teilhard de. *Mundo, Homem e Deus*. São Paulo: Cultrix, s.d.
- CHAVES, Ernani Pinheiro. *Do elogio à crítica: Foucault e a Psicanálise*. São Paulo: PUC, (Mestrado) Filosofia, 1986.
- COELHO, Nelson. *A força da realidade na clínica freudiana*. São Paulo: Escuta, 1995.
- COSTA, Jurandir Freire. *Violência e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- DACOSTA, Maria Carolina. *A questão da deterioração da qualidade de vida no trabalho na visão dos 'bem-sucedidos'*. Dissertação (Mestrado) - São Paulo: FGV, 2001.

- DANTAS, Audálio (Org.). *Repórteres*. São Paulo: Editora Senac. 1999.
- DAVEL, Eduardo ; VASCONCELOS, João (Org.). *“Recursos” humanos e subjetividade*. São Paulo: Editora Vozes, 1995.
- DEJOURS, Christophe. *A loucura do trabalho – estudo de psicopatologia do trabalho*. São Paulo: Cortez, 2001.
- _____. *A banalização da injustiça social*. São Paulo: FGV, 2000.
- _____. *Conferências brasileiras: identidade, reconhecimento e transgressão no trabalho*. São Paulo: FGV, 1999.
- EÇA, Antonio José. *“Mão pra cabeça” – considerações sobre a identidade do policial militar*. São Paulo: Universidade São Marcos, Psicologia Social, Dissertação (Mestrado), 1998.
- ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.
- ENRIQUEZ, Eugène. *Da horda ao Estado: psicanálise do vínculo social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.
- FERNANDES, E. *Qualidade de vida no trabalho*. Salvador: Casa da Qualidade, 1994.
- FIGUEIREDO, Luis Cláudio. *Modos de subjetivação brasileiros: pessoas, sujeitos, meros indivíduos*. São Paulo: Escuta, 1995.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____. *História da sexualidade – a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1994.

FRANÇA, Ana Cristina Limongi ; RODRIGUES, Avelino Luiz. *Stress e trabalho: uma abordagem psicossomática*. São Paulo: Atlas, 1999.

FRANÇA, Ana Cristina Limongi. *Interfaces da qualidade de vida no trabalho na administração de empresas: fatores críticos da gestão empresarial para uma nova competência*. Tese (Livre-Docência) apresentada à Faculdade de Economia e Administração da USP. São Paulo: 2001.

FRASER, Jill A. *White-collar sweatshop: the deterioration of work and its rewards in corporate America*. New York: W. W. Norton & Company, 2000.

FREUD, Sigmund. *O mal estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago, Obras Completas de Sigmund Freud, Edição Standard, v. XXI, 1974.

_____. *As pulsões e seus destinos*. Rio de Janeiro: Imago, Obras Completas de Sigmund Freud, Edição Standard, v.X, 1974.

GARCIA, Sylvia Gemignani. Cultura, dominação e sujeitos sociais. In: *Tempo social*. São Paulo: USP, n.8(2). P. 159-176, out. 1996.

GERALDES, Elen Cristina. *Cláudio Abramo, sujeito possível*. São Paulo: ECA/USP. Dissertação (Mestrado), 1995.

GOLDENSTEIN, Gisela Taschner. *Folhas ao vento: análise de um conglomerado jornalístico no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

HABERMAS, Jürgen. *Para a reconstrução do materialismo histórico*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

HARVEY, David. *A condição pós-moderna – uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

HELOANI ; DACOSTA. QVT: fatos, reflexões e novos horizontes. In: (*SIMPOI*) *V SIMPÓSIO DE ADMINISTRAÇÃO DA PRODUÇÃO*. São Paulo: FGV/SP, 2002.

HELOANI, Roberto. A mudança de paradigma no pós-fordismo: a nova subjetividade. *Interações: estudos e pesquisas em psicologia*, São Paulo: UNIMARCO, vol. I, nº 2-jul. /dez. 1996. p. 69-76.

_____. “A revista de organização científica do idort e o conceito de saúde mental da década de 30”. In: OLIVEIRA, Eleonora Menicucci ; SCAVONE, Lucila (Org.). *Trabalho, saúde e gênero na era da globalização*. Goiânia: AB Editora, 1997, p. 69-80.

_____. “Estado democrático, tecnologia e relações de trabalho”. In: VARGAS, Luiz Alberto (Coord.). *Democracia e direito do trabalho*. Co-autoria: Walküre Lopes da Silva, São Paulo: Ltr, 1995, p. 68-79.

_____. “Estado e direito na perspectiva da modernização das relações de trabalho”. In: PEREZ, Augusto Martinez (Coord.). *Transformações do estado: caráter das mudanças*. Co-autoria: Walküre Lopes da Silva. Franca (SP): Ed. UNESP, 1998, p. 173-182.

_____. “Identidade e trabalho: os fantasmas da ópera”. *Interações: estudos e pesquisas em psicologia*. São Paulo: UNIMARCO, vol. II, nº 4, jul. /dez. 1997, p. 23-33.

_____. “*Organização do trabalho e administração: uma visão multidisciplinar*”. São Paulo: Cortez, 2000.

HIME, Gisely Valentin Vaz Coelho. *A hora e a vez do progresso: Cásper Líbero e o exercício do jornalismo nas páginas d’ A Gazeta*. São Paulo: ECA/USP - Dissertação (Mestrado), 1997.

HOLMES, T.H. ; RAHE, R. The social readjustment rating scale. In: *Journal of psychosomatic research*, 4, p.189-194, 1967.

HUSE, E. ; CUMMINGS, T. *Organization development and change*. St Paul: Minn, 1985.

JARDIM, Silvia Rodrigues; PERECMANIS, Leila; SILVA FILHO, João Ferreira. Processo de trabalho e sofrimento psíquico: o caso dos pilotos do metrô do Rio de Janeiro – II. In: Rio de Janeiro: *Jornal brasileiro de psiquiatria*, 45(6), p. 323-333, 1996.

KING, Stanley. Social psychological factors in illness. In: FREAMAN, Howard E.; LEVINE, Sol; REEDER, Leo G. (Org.). *Handbook of medical sociology*. New Jersey: Prentice-Hall, p.129-147, 1972.

KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo: Scritta, 1991.

LACERDA, Carlos. *Depoimento*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

LAPLANCHE, Jean. Da teoria da sedução restrita à teoria da sedução generalizada. In: *Teoria da sedução generalizada e outros ensaios*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

LAURENZA, Ana Maria de Abreu. *Lacerda x Wainer – o corvo e o bessarabiano*. São Paulo: Editora do SENAC, 1998.

LEUENROTH, Edgard. *A organização dos jornalistas brasileiros. (1908-1951)*. São Paulo: Com Arte, série memória, 1987.

LIPP, Marilda Novaes. *Como enfrentar o stress*. Campinas: Ícone, 1990.

_____ *Manual do inventário de sintomas de stress para adultos de Lipp (ISSL)*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

LIPP, Marilda ; ROCHA, João Carlos. *Stress, hipertensão arterial e qualidade de vida*. Campinas: Papirus, 1994.

LIPP, Marilda ; MALAGRIS, Lúcia. Manejo do estresse. In: RANGÉ, Bernard (Org.). *Psicoterapia comportamental e cognitiva: pesquisa, prática, aplicações e problemas*. Campinas: Editorial Psy, 1995.

LOPES, Maria Immacolata V. *Pesquisa em comunicação*. São Paulo: Loyola, 1994.

MARCONI, Paolo. *A censura política na imprensa brasileira: 1968-1978*. São Paulo: Global, 1980.

MEDINA, Cremilda. *Entrevista: o diálogo possível*. São Paulo: Ática, 1995.

MELLO, José Marques de. et alii. *Perfis de jornalistas*. São Paulo: FTD, 1991.

MEZAN, Renato. *Freud: o pensador da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

MICHAUD, Y. *A violência*. São Paulo: Ática, 1989.

MORAES, Fernando. *Chatô, o rei do Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

MORAES, Marieta de (Org.). *História oral*. Rio de Janeiro: Diadorim; FINEP.

MORAIS FILHO, Antonio Evaristo de. O círculo vicioso da corrupção. In: *Sociologia da corrupção*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

MORGADO, M.A. *Personalização da lei: um mal estar na cultura brasileira*. São Paulo: PUC, Tese (Doutorado), 1997.

MOSCOVICI, Fela . *Renascença organizacional*. Rio: Livro Técnico e Científico, 1988.

MOTTA, Fernando Cláudio Prestes. *Organização e poder: empresa, Estado, escola*. São Paulo: Editora Atlas, 1986.

_____. *Burocracia e auto-gestão: a proposta de Proudhon*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

NADLER, D. A . et alii. *Comportamento organizacional*. Rio: Campus, 1983.

OLIVEIRA, Carmem Silveira de. *Brasil, além do ressentimento: cartografias da subjetividade no Brasil*. São Paulo: PUC, Psicologia - Dissertação (Mestrado), 1997.

PAGÈS, Max et alii. *O poder das organizações*. São Paulo: Editora Atlas, 1987.

PALÁCIOS, Marisa; JARDIM, Silvia; RAMOS, Andreia; SILVA FILHO, João Ferreira da. Validação do self report questionnaire-20 (SRQ-20) numa população de trabalhadores de um banco estatal no Rio de Janeiro. In: *A danação do trabalho*. Rio de Janeiro: Editora Te Corá, 1997.

- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: *Ciência e cultura*. São Paulo: Ensaios, mar.,1987, n.39, p.272-286.
- REISER, Martin. Some organizational stress on policeman. In: *Journal of police science and administration*, USA, v.2, n.2, p. 156-159, Northwestern University School of Law, 1974.
- RESENDE, Anita Cristina Azevedo. *Fetichismo e subjetividade*. São Paulo: PUC, Ciências Sociais, Dissertação – (Mestrado), 1997.
- RIBEIRO, I.M. *Uma cultura estressante: suas origens e conseqüências*. São Paulo: Serviço de Intendência da Polícia Militar, (Monografia Conclusão), Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais, 1995.
- RIBEIRO, José Hamilton. *Jornalistas 1937 a 1997: história da imprensa de São Paulo vista pelos que batalham laudas (terminais), câmeras e microfones*. São Paulo: Imesp, 1998.
- RIJK, Angelique; SCHREURS, Karlein; BENSING, Jozien. What is behind “I’m so tired”? Fatigue experiences and their relations to the quality and quantity of external stimulation. USA: *Journal of psychosomatic research*, v. 47, n.6, p. 509-523, 1999.
- RODRIGUES, M.V.C. *Qualidade de vida no trabalho*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- SELIGMANN-SILVA, E. *Desgaste mental no trabalho*. Rio de Janeiro: UFRJ; Cortez, 1994.
- _____. Repercussões das condições de trabalho sobre a vida familiar. In: *Jornada brasileira de psiquiatria (supl. 2)*: 23-S27-S, 1990.

SELYE, Hans. History and present status of the stress concept. In: L.Goldberger; M. Breznit (Eds.). *Handdbook of stress: theoretical and clinical aspects*. London:Free Press, 1984.

_____. *Stress a tensão da vida*. São Paulo: IBRASA, 1965.

_____. *The stress of life*. USA: McGraw-Hill Book, 1956.

SENNE, Wilson Alves. *Mulheres desvairadas e homens perdidos: uma abordagem clínica de conflitos familiares*. São Carlos: Dissertação (Mestrado), 1999.

SENNETT, Richard. *The corrosion of character*. New York: Norton & Company, 1998.

SILVA NETTO, Álvaro Duarte Cardoso da. *Stress ocupacional*. São Paulo: Tec Art, 1998.

SOUZA, Otávio. *Fantasia de Brasil: as identificações na busca da identidade nacional*. São Paulo: Escuta, 1994.

TAYLOR, Sheley E. *Health psychology*, Cap. V, What is stress? University of California, New York: McGraw-Hill, Inc, p.219-254, 1995.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 2002.

TRIST, Eric. *The evolution of socio-technical systems*. Toronto: Ontario Quality of Working Life Centre, Occasional Paper, number two, june, 1981.

VASCONCELLOS, Marcos. *Excelência e humanização da produção*. (Monografia de Professor Titular)- FGV/ SP, 1997.

WAINBERG, Jacques Alkalai. *Império das palavras: estudo comparado dos Diários Associados, de Assis Chateaubriand e Hearst Corporation, de Willian Randolph Hearst*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

WAINER, Samuel. *Minha razão de viver: memórias de um repórter*. Rio de Janeiro: Record, 1987.

WALTON, Richard. *Quality of working life: What is it?* Sloan Management, 15(1): 11-21, 1973.

WESLEY, William. *Problems and solutions in the quality of working life*. Human Relations, 32(2): 11-123, 1979.